



ESCOLA SUPERIOR
DE **COMUNICAÇÃO SOCIAL**

**A influência da pandemia nas práticas e rotinas de um
jornalista de rádio: os casos da TSF, Renascença e Antena 1.**

ANA ISABEL CRISTÓVÃO GONÇALVES DE ALMEIDA

DISSERTAÇÃO SUBMETIDA COMO REQUISITO PARCIAL PARA OBTENÇÃO
DO GRAU DE MESTRE EM JORNALISMO

Orientador:

Professor Doutor Pedro Pereira Neto, Professor Adjunto Convidado,

Escola Superior de Comunicação Social,

Instituto Politécnico de Lisboa

Outubro, 2023

Declaração Anti Plágio

Eu, Ana Isabel Cristóvão Gonçalves de Almeida, declaro que o presente trabalho intitulado *A influência da pandemia nas práticas e rotinas de um jornalista de rádio: os casos da TSF, Renascença e Antena 1* é resultado da minha exclusiva autoria. Todas as citações e referências a outros autores estão devidamente identificadas de acordo com as Normas APA. Reconheço que o plágio é crime e que a utilização de palavras ou ideias de outros autores, sem a sua devida identificação, pode levar à anulação deste trabalho.

Lisboa, Outubro de 2023

A candidata,

Ana Isabel Cristóvão Gonçalves de Almeida

Resumo

A rádio é um meio simples, mas muito multifacetado. Se ao longo dos anos se pensou que a rádio morreria com o aparecimento da televisão, da Internet e, mais tarde, das redes sociais online, depressa se percebeu como este meio é camaleónico e muito adaptável a qualquer tecnologia que possa surgir. A rádio teve de se adaptar aos tempos modernos e os jornalistas e profissionais de rádio viram-se obrigados a modernizar as suas práticas e rotinas profissionais, de modo a corresponder à procura e às novas necessidades dos ouvintes. Não foram só os avanços tecnológicos a obrigar os profissionais de rádio a adaptar-se: em 2020, a pandemia de Covid-19 levou muitos jornalistas a adaptar o seu trabalho às circunstâncias que esta crise de saúde pública impôs. Neste sentido, o presente trabalho pretende analisar a influência que a pandemia teve (e continua a ter) no trabalho e na rotina diária dos jornalistas de rádio; investigar como é que as redes sociais online ajudaram estes profissionais e, ainda, tentar perceber quais as alterações que a pandemia suscitou nas rotinas de produção noticiosa.

Palavras-chave: Rádio; Covid-19; Internet; Redes Sociais Online; *Newsmaking*.

Abstract

Radio is a simple yet highly multifaceted medium. Over the years, it was thought that radio would die out with the emergence of television, the Internet, and later, online social media. However, it quickly became apparent how versatile and adaptable this medium is to any emerging technology. Radio had to adapt itself to modern times and radio journalists and professionals found themselves compelled to modernize their practices and professional routines to meet the demands and new needs of listeners. It wasn't just technological advancements that forced radio professionals to adapt: in 2020, the Covid-19 pandemic led many journalists to adjust their work to the circumstances imposed by this public health crisis. In this regard, this work aims to analyse the influence that the pandemic had (and continues to have) on the work and daily routines of radio journalists; investigate how online social media aided these professionals, and also, try to understand the changes that the pandemic has introduced in newsmaking routines.

Keywords: Radio; Covid-19; Internet, Online Social Media; Newsmaking

Agradecimentos

À minha família por estar sempre ao meu lado e nunca me deixar cair.

Aos meus amigos por estarem presentes em todas as etapas da minha vida e por terem sempre uma palavra amiga e de incentivo.

A todos os professores que, ao longo da minha formação académica, me ensinaram e guiaram até aqui.

Às jornalistas Rute Fonseca, Rita Fernandes e Ana Carrilho que tão prontamente e tão gentilmente contribuíram para a realização deste trabalho.

Ao meu orientador, Professor Doutor Pedro Pereira Neto, por todo o auxílio, atenção, paciência e disponibilidade durante o último ano.

Índice

| | |
|----------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Introdução..... | 8 |
| PARTE I: ESTADO DA ARTE..... | 10 |
| 1. Teorização do Acontecimento e Processo de Produção Noticiosa..... | 11 |
| 1.1. Definição de Acontecimento | 11 |
| 1.2. Acontecimento Jornalístico | 13 |
| 1.3. A evolução do conceito de Gatekeeping | 14 |
| 1.4. Critérios de Noticiabilidade..... | 17 |
| 1.5. Valores-Notícia..... | 19 |
| 1.6. Do Gatekeeper ao Gatewatcher | 20 |
| 1.7. Newsmaking | 20 |
| 1.8. Newsmaking e Rotinas Produtivas | 21 |
| 2. A importância da rádio ao longo dos tempos | 23 |
| 2.1. A chegada da rádio a Portugal..... | 23 |
| 2.2. A rádio e o Salazarismo..... | 24 |
| 2.3. A chegada da televisão a Portugal e a sua influência na rádio | 27 |
| 2.4. A rádio no 25 de Abril..... | 29 |
| 2.5. O aparecimento da Internet e a sua influência na rádio..... | 30 |
| 3. Internet vs. jornalismo de rádio | 32 |
| 3.1. Desafios da Internet para o jornalismo de rádio | 32 |
| 3.2. Desafios das redes sociais online para o jornalismo de rádio..... | 33 |
| 4. Influência da pandemia no jornalismo de rádio..... | 36 |
| 4.1. Influência da pandemia nas práticas e nas rotinas de um jornalista de rádio . | 36 |
| 4.2. Potencialidades da Internet no jornalismo de rádio durante a pandemia | 41 |
| 4.3. Potencialidades das redes sociais online no jornalismo de rádio durante a pandemia..... | 42 |

| | |
|-----------------------------------------------------|----|
| PARTE II: ESTUDO EMPÍRICO..... | 45 |
| 5. Estudos de Caso: TSF, Renascença e Antena 1..... | 46 |
| 5.1. Metodologia utilizada para a análise | 46 |
| 5.2. Apresentação e análise dos resultados | 47 |
| 5.3. Conclusão dos estudos de caso | 54 |
| Considerações Finais | 57 |
| Referências Bibliográficas..... | 60 |
| Anexos..... | 68 |

Introdução

À semelhança de outros meios de comunicação, a rádio viu-se sujeita a várias alterações, de modo a superar as dificuldades que o surgimento e o desenvolvimento de novas tecnologias implicavam e ainda a corresponder às expectativas e necessidades dos ouvintes. O surgimento da televisão abalou a rádio: a possibilidade que esta tem em dar uma imagem às palavras e às notícias era algo que a rádio tradicional jamais poderia proporcionar. No entanto, apesar das dificuldades, a rádio manteve-se.

Anos depois surgiu a Internet e a rádio soube usar este possível concorrente como uma oportunidade: não só se passou a usar a Internet para promover as estações de rádio e partilhar os programas como também se conseguia dar imagem aos jornalistas e aos profissionais de rádio. Desta forma, a rádio evoluiu e conseguiu colmatar as falhas que diminuía em relação à televisão. Mais tarde, com o surgimento das redes sociais online, a rádio volta a aproveitar o que parece ser um “novo fim” como uma “nova oportunidade”. Os profissionais de rádio passam a usar estas plataformas digitais para vincar ainda mais a interatividade e a proximidade com os ouvintes.

Ana Isabel Reis (2011) acredita que a rádio “sempre soube aproveitar os novos equipamentos para se renovar ou reforçar aquilo que a distinguia dos outros média, vencendo desafios, crises e potenciais concorrentes” (p. 15), como tal a rádio não veio para marcar apenas uma era, mas sim para crescer à medida que tudo à sua volta de desenvolve e atualiza. Roger Fidler (1997) compara o processo de mudança que os meios de comunicação atravessam a uma “mediaformose”: tal como acontece numa metamorfose, existe “uma adaptação dos velhos meios às novas mudanças tecnológicas” (Roger Fidler, citado por Prata, 2008, p. 76), desta forma, os meios tradicionais não morrem, mas adaptam-se.

Os tempos avançam, novas tecnologias surgem e os jornalistas, bem como outros profissionais de rádio, também viram as suas práticas e rotinas profissionais passarem por alterações: Luís Bonix (2011) refere que “este novo ambiente mediático convoca novos desafios para a rádio em geral e para o jornalismo radiofónico em particular, o que implica, nalguns casos, profundas modificações nos modos e práticas produtivas e de organização dos jornalistas” (p. 31).

As adaptações ao trabalho jornalístico não ficaram por aí. A pandemia de Covid-19 levou os jornalistas a adaptarem as suas práticas e rotinas da noite para o dia: um dia estavam a trabalhar na redação e no dia seguinte a maioria estava fechada em casa, sem

a possibilidade de sair. Apesar das limitações, as pessoas continuavam a precisar de informação e as notícias tinham de sair: foi aí que os jornalistas recorreram às novas tecnologias, vistas em tempos como um entrave, como uma ferramenta de contacto à distância, através da qual podiam encontrar informação, pessoas e até mesmo histórias.

Neste sentido, surgem as seguintes perguntas: Qual foi a influência que a pandemia teve (e ainda tem) no trabalho e na rotina diária dos jornalistas de rádio? Quais foram as alterações que a pandemia suscitou nas rotinas de *newsmaking* (produção noticiosa)? Como é que as redes sociais online ajudaram estes profissionais? Para dar resposta a estas indagações, a presente dissertação encontra-se dividida em duas partes: o estado da arte e o estudo empírico.

No estudo da arte será feito um enquadramento teórico com base na revisão da literatura de artigos, dissertações, teses e estudos de outros autores, dividido em quatro capítulos. O primeiro capítulo abordará assuntos relacionados com a teorização do acontecimento e o processo de produção noticiosa: torna-se necessário definir acontecimento e tentar perceber como é que determinado acontecimento se torna interessante do ponto de vista jornalístico. Além disso, algumas Teorias da Comunicação terão destaque, como é o caso da evolução da Teoria do *Gatekeeping* e a Teoria do *Newsmaking* e os critérios de noticiabilidade, os valores-notícia e as rotinas produtivas são outros tópicos de interesse, o segundo capítulo estará ligado à importância da rádio ao longo dos tempos, desde a sua chegada a Portugal, passando pelo seu contributo na Revolução de Abril de 1974, até à rádio atual, o terceiro capítulo terá enfoque nos desafios da Internet e das redes sociais online ao jornalismo de rádio, e o quarto capítulo incidirá na influência da pandemia nas práticas e rotinas de um jornalista de rádio, bem como as potencialidades da Internet e das redes sociais online durante este período de crise pública.

No que concerne ao estudo empírico, a Antena 1, a TSF e a Rádio Renascença, as três principais rádios informativas nacionais, foram as escolhidas. Realizou-se um inquérito por entrevista a uma jornalista de cada uma destas emissoras e a restante redação foi convidada a participar num inquérito por questionário, sendo apresentados e analisados os dados recolhidos através destas metodologias.

Por último será apresentada uma conclusão que responda às perguntas de partida nas quais se centra este trabalho e antecipe como poderá ser o futuro das novas tecnologias no mundo do jornalismo.

PARTE I: ESTADO DA ARTE

1. Teorização do Acontecimento e Processo de Produção Noticiosa

1.1. Definição de Acontecimento

Para Vera França (2012) o acontecimento é “uma palavra banal, que usamos fartamente no nosso dia a dia, tanto para nos referirmos ao que acontece conosco ou ao nosso redor, como para falar das ocorrências no mundo” (p. 12). No entanto, todos os dias acontecem coisas novas, como tal “nem todas têm o mesmo peso, o mesmo poder de afetação” (França, 2012, p. 12). Desta forma, chama-se acontecimento aos factos e às ocorrências que merecem maior destaque. De um modo geral, os “acontecimentos acontecem em nossa experiência – e falam dessa experiência. Retratam quem somos, como vivemos” (França, 2012, p. 20).

Roberto Vieira Júnior (2015) recorre a Badiou (1996) e a Lacrau (2004) para definir este conceito: para Badiou um acontecimento é uma “ruptura para com o estado de uma situação”. Lacrau vai ao encontro desta ideia, definindo acontecimento como “a declaração do vazio, uma ruptura radical com a situação que torna visível o que a situação sozinha não pode ocultar”. Segundo Badiou, “um acontecimento não é a realização de uma possibilidade interna a situação ou dependente das leis transcendentais do mundo”, mas sim “a criação de novas possibilidades” (Badiou, 1996, citado por Vieira Júnior, 2015). França e Almeida (2008) acrescentam que “o acontecimento é desorganizador; ele abala pontos de vista estabilizados e suscita novos arranjos”. Desta forma, na perspectiva do filósofo francês, “um acontecimento é o advento do real enquanto possível futuro dele mesmo” (Badiou, 1996, citado por Vieira Júnior, 2015).

Para o sociólogo francês Louis Queré “têm natureza acontecimental aqueles eventos que instauram uma ruptura na sequência normal das coisas no mundo”. Desta forma, os acontecimentos “tocam aqueles que a eles se expõem e, neste sentido, operam transformações tanto sobre o mundo quanto sobre aqueles que o experimentam” (Queré, 2005, citado por França & Almeida, 2008). Elihu Katz (1993) concluiu que “o acontecimento não é só a narrativa sobre o facto, mas o efeito sensível dessas ocorrências na vida individual e social” (Katz, 1993, p. 53, citado por Silva, 2012, p. 8). Isto quer dizer que, mais do que narrar um facto, um acontecimento influencia a vida daqueles a quem ele ocorre. Também Queré (2005) concorda, ao afirmar que “o acontecimento é fenômeno de sentido que produz novidade ao introduzir um corte na superfície da normalidade, afetando sujeitos e provocando modificações”. Marina Santos Silva (2012),

por sua vez, utiliza Adriano Duarte Rodrigues (1993) para reforçar esta ideia: segundo Rodrigues, “o acontecimento não só acontece, por si e em si, mas acontece a alguém” (p. 10). Com isto o autor quer dizer que “o acontecimento não estaria determinado apenas pelas características de sua ocorrência, mas pelas reações e respostas que ele suscita” (p. 10). Por seu turno, Vera França (2012) afirma que “o acontecimento faz agir” (p. 14).

Na perspectiva de Quéré, o acontecimento “é, ele próprio, portador ou criador do sentido” (Queré, 2005, p. 13, citado por Antunes, 2008, p. 17). Como tal, não deve “ser fixado apenas pelas circunstâncias e momento da sua ocorrência” (Antunes, 2008, p. 17). Mouillaud destaca que “o acontecimento deve ser entendido como uma dinâmica inesgotável de apreensões” (Mouillard, 1997, p. 62, citado por Silva, 2012, p. 11). Louis Quéré (2005) olha para o acontecimento como um fenómeno de natureza dual e enfatiza duas características principais: o potencial hermenêutico do acontecimento e o seu poder de afetação. Relativamente ao potencial hermenêutico, Queré (2005) refere-se ao facto de o acontecimento permitir “uma compreensão do mundo e das suas mudanças ao lançar luzes sobre o passado, presente e futuro e revelar processos em curso” (Queré, 2005, p. 67, citado por Silva, 2018, p. 86). Desta forma, “ao acionar novos quadros de sentido, o acontecimento ilumina diferentemente uma situação e alarga o horizonte dos possíveis” (França e Almeida, 2008). Quanto ao poder de afetação, à semelhança de autores mencionados anteriormente, Queré (2005) diz que o acontecimento “acontece a alguém”, ou seja, acontece a “indivíduos ou coletivos que, afetados pelas questões reveladas pelo acontecimento, reagem às suas consequências, buscando reorganizar o fluxo normal da experiência” (Queré, 2005, p. 67, citado por Silva, 2018, p. 86).

Silva e França (2017) garantem que, na perspectiva de Queré, “o acontecimento tem duas vidas” e ambas coexistem. A primeira tem a ver com “o acontecimento como mudança que interfere no cotidiano”, que “deixa marcas empíricas e afeta indivíduos e coletividades” (Silva & França, 2017, citados por Silva, 2018, p. 87); “trata-se do acontecimento que percebemos, que nos toca, que congestiona o nosso cérebro, dificulta nossa respiração, acelera o nosso coração” (Queré, 2005, citado por França, 2012, p. 14). A segunda vida, por sua vez, refere-se “ao acontecimento enquanto objeto da reflexão e do discurso, simbolizado pela linguagem, isto é, transformado em narrativa e comportando marcas do vivido” (Silva & França, 2017, citados por Silva, 2018, p. 87).

1.2. Acontecimento Jornalístico

Dentro de um vasto leque de acontecimentos encontra-se o acontecimento jornalístico. Mas afinal o que é um acontecimento jornalístico? De que modo é que um acontecimento se transforma em notícia? Para responder a estas indagações torna-se essencial começar por definir notícia. Luís Lobo (1970) define-a como, simultaneamente, “um relato seleccionado de acontecimentos passados e um factor constituinte da configuração de acontecimentos futuros” (p. 514). André Bonsanto Dias (2011) afirma que “as notícias são «estórias», narrativas que constroem uma realidade a ser comentada; narrativa que se constitui por intriga, onde passado, presente e futuro se confluem, confundem e complementam” (p. 179). Desta forma, de acordo com Eduardo Luiz Correia (2011), é “a partir de uma realidade «narrada» em fragmentos de notícias transmitidos pelos meios de comunicação, que nosso mundo é construído, interpretado e, por conseguinte, compreendido” (p. 302). O jornalista, por sua vez, “tornou-se o agente responsável por nos contar o que vai pelos cantos do mundo” (Correia, 2011, pp. 302-303).

Como afirma Marina Santos Silva (2012) “o trabalho jornalístico permite que atividades não presenciadas possam ser observáveis” (p. 2). Molotch e Lester (1993) reforçam que “na vida cotidiana, as notícias contam-nos aquilo a que nós não assistimos diretamente e dão como observáveis e significativos *happenings* que seriam remotos de outra forma” (Molotch & Lester, 1993, p. 34, citados por Silva, 2012, p. 2). Desta forma, já não é necessário assistir presencialmente a um acontecimento para ter conhecimento dele: atualmente podemos ter (e temos) acesso a ele através dos diversos órgãos de comunicação social disponíveis: de acordo com o raciocínio de Santos Silva (2012, p. 2), o facto de determinados acontecimentos ganharem espaço nos media dota-os, assim, de visibilidade e importância. Como afirma Laignier (2009) “o «acontecimento» é o que garante «noticiabilidade» para determinados «factos sociais» na pauta jornalística” (p. 235). Por outro lado, a “notícia é o modo como os «factos sociais» seleccionados se tornam acontecimentos no corpo do jornal” (Laignier, 2009, p. 236).

Santos Silva destaca ainda que “os jornalistas buscam fazer das notícias representações perfeitas das ocorrências” (Silva, 2012, p. 6). Recorrendo a Mouillaud (1997), a autora explica que este pensamento relativo às práticas dos jornalistas corre o “risco de entender os acontecimentos e os produtos jornalísticos como duas instâncias isoladas e autónomas, o que não condiz com a realidade” (p. 6). De certa forma, “o

acontecimento sempre possui a forma da informação” (Mouillaud, 1997, p. 57, citado por Silva, 2012, p. 7), uma vez que o jornalismo está “alicerçado pela realidade, ancorado na dimensão existencial dos acontecimentos” (Silva, 2012, p. 7).

Adriano Duarte Rodrigues (1993) afirma que “o jornalismo é um dispositivo de notabilidade, sendo capaz de provocar acontecimentos pelo seu próprio discurso” (Rodrigues, 1993, p. 31, citado por Silva, 2012, p. 8). Segundo este autor, “a mídia, ao relatar um acontecimento, além do acontecimento relatado, produz um novo acontecimento que vem integrar o mundo” (Rodrigues, 1993, p. 31, citado por Silva, 2012, p. 8): mais do que reproduzir acontecimentos existentes, os órgãos de comunicação podem criar os seus próprios acontecimentos. Para Vera França (2012) “não é o impacto do acontecimento que importa – ou sequer se ele aconteceu, mas a construção midiática em torno dele” (p. 15).

Segundo André Bonsanto Dias (2011) “as notícias «são como são» porque é assim que os jornalistas e sua máquina burocrática as querem” (p. 174). Os jornalistas constroem as notícias “a partir de interesses particulares e por critérios de noticiabilidade que perpassam relações de poder, seleção e enquadramento que, direta ou indiretamente, atuam na constituição de nossas lembranças e esquecimentos” (Dias, 2011, p. 174). De acordo com Adriano Duarte Rodrigues (1993), “a medida do acontecimento está na sua imprevisibilidade: quanto mais improvável, maior é a probabilidade de a ocorrência ascender ao espaço da mídia” (Rodrigues, 1993, p. 31, citado por Silva, 2012, p. 8). Já Vera França (2012) destaca que “a tarefa do jornalismo é farejá-los, identificá-los, e então narrar” (p. 12). Nesse sentido, a teoria do jornalismo permite “definir e classificar o que é ou não é relevante, hierarquizando factos em função de sua importância, abrangência, impacto, interesse. Esses factos que merecem ser noticiados seriam os acontecimentos” (França, 2012, p. 12). Como tal, ao ser selecionado para fazer parte da pauta jornalística, o acontecimento tem de corresponder aos interesses do público, aos valores-notícia e aos critérios de noticiabilidade que são definidos pelos órgãos de comunicação social.

1.3. A evolução do conceito de *Gatekeeping*

A Teoria do *Gatekeeper*, uma das mais antigas teorias das ciências da comunicação, é fundamental para perceber o modo como se constroem as notícias. Segundo João Carlos Correia (2011), o termo *gatekeeper*, de Kurt Lewin, surgiu em 1947 e referia-se “ao processo de escolha nas tomadas de decisão relativas ao consumo de bens

alimentares” (p. 81). Mais tarde, “transferiu-se para a análise da produção noticiosa na medida em que esta é concebida por uma sucessão de escolhas processadas ao longo de várias fases” (Correia, 2011, p. 81). De acordo com Bruno Fernandes (2011), Lewin considerava que para compreender os fatores que determinam as decisões dos *gatekeepers* era fundamental perceber como é que o portão funcionava: deste modo, “o investigador teria de conhecer os *gatekeepers* na sua plenitude” (p. 5).

Os primeiros estudos empíricos sobre *gatekeeping* foram apresentados por David Manning White, em 1950, e visavam estudar os critérios para a escolha/rejeição das notícias (Fernandes, 2011, p. 5). Com base nos estudos de White, Nelson Traquina (2005) explica que a produção noticiosa é realizada através de um conjunto de escolhas: as notícias têm de passar por vários “portões”, nos quais o jornalista (enquanto *gatekeeper*) tem de escolher as que passam pelo “portão” e aquelas que “morrem”. Ou seja, o jornalista tem o poder de escolher quais as notícias que serão publicadas e aquelas que serão rejeitadas pelo órgão de comunicação social para o qual trabalha (p. 150). Eduardo Miranda (2019) compara o controlo dos *gatekeepers* a holofotes: segundo este autor, “o público não vê nada, pois os holofotes estão todos desligados. São os jornalistas, porém, que detêm o controlo dos holofotes e quem define aquilo que é visto, ou não, e, se sim, com que intensidade” (p. 23). O facto de o jornalista ter o poder de decisão acerca daquilo que atravessa ou não o portão pode ir contra a neutralidade inerente a este profissional, que acaba por levá-lo a entrar no campo da subjetividade (Fernandes, 2011, pp. 5-6). Deste modo, após vários estudos, White chegou à conclusão de que “a seleção de notícias era arbitrária e subjetiva e o fator determinante para essas escolhas era a ação pessoal” (Sara Raquel Lopes, 2021, p. 33).

No entanto, Correia (2011) e Lopes (2021) afirmam que as críticas ao trabalho de White não tardaram a aparecer. De acordo com João Correia, a abordagem de White era “uma abordagem microsociológica que ignorava aspectos estruturais e organizacionais” (p. 82); já Sara Lopes (2021) aponta que o modelo de White “dá mais importância às questões psicológicas do indivíduo e aos aspetos sociais do que propriamente à questão dos critérios de escolha das notícias” (p. 34), afirmando, ainda, que estas críticas deram origem a novos modelos de *gatekeeping*. Gerbner (1956), McNelly (1959), Bass (1969) e Shoemaker foram alguns dos estudiosos que propuseram os seus próprios modelos.

O modelo geral de comunicação de Gerbner, segundo Lopes (2021), “relaciona a mensagem com a realidade e aborda as questões da perceção e da significação” (p. 34). Para Gerbner, a seleção depende sempre dos valores e das experiências do emissor, mas

também o recetor tem um papel importante no processo, uma vez que cada um vai interpretar a mensagem de forma diferente. De um modo geral, “o significado de uma mensagem é condicionado pela cultura em que se está inserido”, sendo os recetores “agentes ativos no processo de transmissão de conteúdos” (Sara Lopes, 2021, p. 34).

O modelo de McNelly tem como objetivo mostrar que o fluxo noticioso resulta de uma operação noticiosa complexa, que engloba todos os envolvidos, desde a fonte noticiosa até à audiência (Sara Lopes, 2021, p. 35). Para McNelly, antes de chegar ao público, “o produto noticioso teria de percorrer uma pista de obstáculos, como sejam o erro ou a subjetividade dos jornalistas, critérios editoriais de seleção e de processamento, tradução, dificuldades de transmissão e em alguns casos até a censura” (McNelly, 1959, citado por Lopes, 2021, p. 35). À semelhança de Gerbner, este autor também dá importância ao papel da audiência e à capacidade que esta pode ter na alteração da mensagem transmitida pelos media (Sara Lopes, 2021, p. 35).

O modelo de “ação dupla” de Bass refere que a principal função do *gatekeeper* se divide em duas fases: a recolha; e o processamento do conteúdo noticioso (Sara Lopes, 2021, p. 35). Ao passo que, no modelo de Shoemaker, “o processo de decisão não é fechado e resulta de várias especificidades cognitivas, afetivas e comportamentais do indivíduo”. Desta forma, o processo de decisão implica aquilo que acontece dentro das organizações de media – *gatekeeping* – e aquilo que acontece no interior de cada indivíduo – *gatekeeping* intraindividual (Sara Lopes, 2021, p. 36).

Assim, após vários estudos, o conceito de *gatekeeping* foi reformulado. Se antes era entendido como um ato de seleção, os estudos mais recentes apontam para a pesquisa da influência das mudanças demográficas nas práticas jornalísticas (João Carlos Correia, 2011, p. 84). Já em 1994 o sociólogo italiano Mauro Wolf tinha confrontado os primeiros estudos acerca do *gatekeeping* com os mais recentes: segundo Wolf, os primeiros “associavam o conteúdo dos jornais ao trabalho de selecção das notícias, executado precisamente pelo guarda da cancela”, enquanto “os recentes estudos sobre a produção de notícias relacionam a imagem da realidade social, fornecida pelos *mass media*, com a organização e a produção rotineira dos aparelhos jornalísticos” (p. 164). Como tal, os critérios de noticiabilidade, os valores-notícia e as rotinas produtivas são essenciais para perceber como se dá a tomada de decisão no processo de seleção das notícias (*gatekeeping*).

1.4. Critérios de Noticiabilidade

Num mundo onde há cada vez maior quantidade de informação disponível, uma “superabundância de acontecimento”, como denomina a socióloga norte-americana Gaye Tuchman, “cabe aos jornalistas limitar a informação aos seus aspectos essenciais” (Tuchman, 1977, citada por Wolf, 1994, pp. 169-170), uma vez que estes profissionais estão numa “posição privilegiada para avaliar o que é interessante para o público” (Bruno Fernandes, 2011, pp. 14-15). Por sua vez, de acordo com Mauro Wolf (1994),

“O interesse da história está estreitamente ligado às imagens que os jornalistas têm do público (...). São interessantes as notícias que procuram dar uma interpretação de um acontecimento baseada no aspecto do «interesse humano», do ponto de vista insólito, das pequenas curiosidades que atraem a atenção” (p. 184).

Esta “superabundância de acontecimento” de que Tuchman fala “é o ponto de partida do jornalismo; mas como nem tudo pode ser notícia, há que definir fronteiras, limites e áreas de cobertura noticiosa” (Eduardo Miranda, 2019, p.16). Wolf (1994) recorre a Tuchman para explicar que a enorme quantidade de acontecimentos que chegam diariamente às redações levou a que os órgãos de comunicação social sentissem a necessidade de ter certos critérios que permitissem diminuir a quantidade de informação (Tuchman, 1977, citada por Wolf, 1994). Deste modo, “a noticiabilidade corresponde ao conjunto de critérios, operações e instrumentos com os quais os órgãos de informação enfrentam a tarefa de escolher, quotidianamente, de entre um número imprevisível e indefinido de factos, uma quantidade finita e tendencialmente estável de notícias” (Wolf, 1994, p. 170).

Na sua obra “Teorias da Comunicação”, Mauro Wolf (1994) enumera os cinco critérios que considera importantes no processo de seleção de informação: os critérios substantivos, os critérios relativos ao produto, os critérios relativos ao meio de comunicação, os critérios relativos ao público, e os critérios relativos à concorrência” (p. 179). Fernandes (2011) acrescenta ainda que, tendo em conta estes critérios, “cada notícia é avaliada pelo jornalista, de forma automática e inconsciente, relativamente: à disponibilidade e credibilidade de uma fonte; à importância ou interesse que um acontecimento possa suscitar e à sua actualidade” (p. 16).

Como afirma Sara Lopes (2021), os meios de comunicação social têm como objetivo a divulgação de acontecimentos que possuam importância e significado para o público que irá recebê-los (p. 41): para tal, o jornalista tem de escolher os acontecimentos que considera merecedores de serem noticiados. A autora diz que “essas escolhas são feitas segundo um conjunto de critérios de noticiabilidade que variam de jornalista para jornalista, permitindo eliminar a quantidade de informação” (Lopes, 2021, p. 41). Não só variam de jornalista para jornalista como também variam conforme o órgão de comunicação social: Miranda (2019) garante que “algo «atual» para o órgão X não significa necessariamente algo «atual» para o órgão Y, já que cada um interpreta cada critério de noticiabilidade à luz das suas próprias orientações” (p.17).

Para que o trabalho do jornalista decorra da melhor forma, os critérios devem ser “fácil e rapidamente aplicáveis, de forma que as escolhas possam ser feitas sem demasiada reflexão”; “flexíveis para poderem adaptar-se à infinita variedade de acontecimentos disponíveis”; “relacionáveis e comparáveis, dado que a oportunidade de uma notícia depende sempre das outras notícias igualmente disponíveis” e, ainda, “facilmente racionalizados para que, no caso de uma notícia ser substituída por outra, haja sempre disponível um motivo aceitável para tal substituição”. De forma resumida, “os critérios são orientados para a eficiência, de forma a garantirem o necessário reabastecimento de notícias adequadas, com o mínimo dispêndio de tempo, esforço e dinheiro” (Gans, 1979, citado por Wolf, 1994, pp. 176-177).

O sociólogo italiano refere que a noticiabilidade é então constituída pelo “conjunto de requisitos que se exigem dos acontecimentos (...) para adquirirem a existência pública de notícias” e que “tudo o que não corresponde a esses requisitos é «excluído» por não ser adequado às rotinas produtivas e aos cânones da cultura profissional” (Wolf, 1994, p. 170). Tuchman relaciona a noticiabilidade com os processos de rotinização e de standardização das práticas produtivas: de acordo com a autora, “sem uma certa rotina de que podem servir-se para fazer frente aos factos imprevistos, as organizações jornalísticas, como empresas racionais, falhariam” (Tuchman, 1973, citada por Wolf, 1994, p. 171). Bruno Fernandes (2011) parece concordar com a socióloga quando refere que o critério noticioso se encontra “intimamente ligado às rotinas e à uniformização das práticas produtivas” (p.11). Estando as rotinas produtivas relacionadas com os critérios de noticiabilidade, o assunto terá o seu devido destaque mais à frente.

1.5. Valores-Notícia

Conforme os critérios de noticiabilidade e as rotinas dos jornalistas, podemos distinguir três processos: “a inclusão da informação; a exclusão de informação; e a hierarquização da informação” (Wolf, 1995, citado por Sara Raquel Lopes, 2021, p. 42). É exatamente neste processo de seleção que entram os valores-notícia, os quais podem ser definidos como “uma componente da noticiabilidade” e dão a resposta à seguinte pergunta: “quais os acontecimentos que são considerados suficientemente interessantes, significativos e relevantes para serem transformados em notícias?” (Mauro Wolf, 1994, p. 175).

Genericamente, os valores-notícia não são mais do que regras que definem o trabalho da redação, como mais valias no processo produtivo, uma vez que guiam os jornalistas a perceber se determinada informação pode ou não ser incluída (Fernandes, 2011, p. 12). É por isto que Bruno Fernandes (2011) concluiu que “os valores notícia acabam por facilitar e tornar rotineiro o trabalho jornalístico” (p.12).

Bruno Fernandes (2011) acrescenta que os valores-notícia nem sempre se mantêm e que, por isso, mudam no tempo: desta forma, “acontecimentos que antigamente não existiam são agora notícia, aumentando o leque de acontecimentos noticiáveis” (p.12). Não só se alteram como não são iguais em todos os órgãos de comunicação social: Sara Lopes (2021) destaca que “aquilo que pode ser mais importante para uns, não é tanto para outros” (p. 42). Wolf (1994) também reconhece o carácter dinâmico dos valores-notícia, ao referir que “assuntos que, há alguns anos, simplesmente «não existiam» constituem actualmente, de uma forma geral, notícia” (p. 177).

Na perspectiva de Golding-Elliott (1979), os valores-notícia podem utilizar-se de duas maneiras. Em primeiro lugar,

“são critérios de selecção dos elementos dignos de serem incluídos no produto final, desde o material disponível até à redacção. Em segundo, funcionam como linhas-guia para a apresentação do material, sugerindo o que deve ser realçado, o que deve ser omitido, o que deve ser prioritário na preparação das notícias a apresentar ao público” (Golding-Elliott, 1979, p. 114, citado por Wolf, 1994, pp. 175-176).

Os valores notícia fazem parte das interações diárias dos jornalistas e são vistos como “qualidades dos acontecimentos”. De acordo com este autor, “quanto mais um acontecimento exhibe essas qualidades, maiores são as suas possibilidades de ser incluídos” num produto informativo (Golding-Elliott, 1979, p. 114, citado por Wolf, 1994, p. 176). Ou seja, quantas mais qualidades o acontecimento tiver, maior chance terá de ser selecionado, trabalhado e posteriormente divulgado pelo jornalista.

1.6. Do *Gatekeeper* ao *Gatewatcher*

O desenvolvimento tecnológico, bem como a chegada da Internet e o aparecimento das redes sociais online, alteraram a rotina do jornalista e a própria produção noticiosa. Segundo Enio Moraes Júnior e Maria Elisabete Antonioli (2016), “um novo ator entra em cena: o *gatewatching*” (p. 45). O *gatewatcher* é, para os autores, “o cidadão comum, o internauta, aquele que passou a ter uma posição ativa nas redes, alterando as rotinas de produção do jornalista” (p.45). Axel Bruns chegou mesmo a propor que a abordagem do *gatekeeping* fosse substituída pela de *gatewatching*” (Bruns, 2014, citado por Moraes Júnior & Antoniolo, 2016, p. 47).

Nos dias que correm o jornalista precisa de “investigar, checar, escrever, editar, publicar, atualizar e estar sintonizado com os acontecimentos 24 horas por dia”, uma vez que as novas tecnologias permitem que o cidadão comum replique informação e emita o seu próprio conteúdo, ocupando, assim, um novo espaço onde pode expressar, argumentar e posicionar as suas ideias (Moraes Júnior & Antonioli, 2016, pp. 49-51). Para Moraes Júnior e Antonioli (2016) este é “um dos grandes desafios do jornalista, que precisa se diferenciar ao produzir uma informação qualificada e que atenda os interesses da sociedade” (p.50). Este é considerado “o jornalismo em tempo real”, o “jornalismo dos novos tempos” (p. 51).

1.7. *Newsmaking*

À semelhança da Teoria do *Gatekeeper*, também se revela fundamental abordar o conceito de *Newsmaking*, nada mais nada menos do que o processo de produção da notícia em si. De acordo com Sara Lopes (2021), “o *newsmaking* é todo o percurso de conceção noticiosa, desde a procura e a seleção até à redação e ao tratamento final” (p.39). De modo geral, construir uma notícia envolve muito mais do que apenas a recolha, a escrita e a

divulgação da mesma, incluindo na realidade todo um conjunto de etapas. Desta forma, na perspectiva do *newsmaking*, a elaboração da pauta, a seleção das fontes a utilizar, a apuração das informações recolhidas, a redação e disseminação da notícia são elementos cruciais no processo de produção noticiosa (Enio Moraes Júnior & Maria Elisabete Antonioli, 2016, p. 44).

Bruno Fernandes (2011) recorre a Mauro Wolf (1995) para distinguir seleção (*gatekeeping*) de produção de informação (*newsmaking*): ao contrário do *gatekeeping*, o *newsmaking* não se refere apenas “à cobertura de um acontecimento particular, mas ao andamento normal da cobertura informativa por períodos prolongados” (Wolf citado por Fernandes, 2011, p. 11). No *gatekeeping*, “as notícias passam por diversos portões, que vão desde o repórter até ao editor, a escolherem qual a informação e qual o acontecimento que será notícia” (Bruno Fernandes, 2011, p. 27); já no *newsmaking*, esta abordagem “articula-se, principalmente dentro de dois limites: a cultura profissional dos jornalistas e a organização do trabalho e dos processos produtivos” (Mauro Wolf, 1994, p. 169). Eduardo Miranda (2019) conclui que, apesar de diferentes, a Teoria do *Gatekeeping* e o *Newsmaking* não se excluem, mas complementam-se (p. 24).

Como esclarecem Enio Moraes Junior e Maria Antonioli (2016), o *Newsmaking* é mais do que uma simples perceção sobre o modo como se constrói a notícia: é uma “abordagem teórica consistente sobre o jornalismo, que abrange as preocupações com as rotinas da profissão” (p.45). Rotinas, essas, que serão agora abordadas.

1.8. *Newsmaking* e Rotinas Produtivas

Shoemaker & Reese consideram as rotinas produtivas como “uma forma de atenuar a quantidade de acontecimentos que chegam às redações”, uma vez que estas mesmas rotinas são vistas como um “conjunto de práticas e formas de trabalho padronizadas que os jornalistas utilizam repetidamente para completar o seu trabalho” (Shoemaker & Reese, 1996, citados por Sara Raquel Lopes, 2021, p. 41).

De acordo com Gaye Tuchman, “o conhecimento de formas rotineiras de processar diferentes tipos de «estórias» noticiosas permite aos repórteres trabalhar com maior eficácia” (Tuchman, 1978, citada por Traquina, 2005, p. 193). Ericson et. al. completam esta ideia, referindo que “os repórteres e os diretores identificam este conhecimento com profissionalismo”, visto como um método que permite controlar o trabalho e que consiste em “dominar as técnicas da escrita, mas também no domínio de

saber quem contatar e que perguntas fazer, ou seja, possuir o saber de procedimento (Ericson et. al., 1987, citado por Traquina, 2005).”

Os avanços tecnológicos e o mercado profissional do século XXI, como já mencionado anteriormente, exigem novas habilidades e um novo perfil do jornalista: “o ritmo de trabalho mais intenso, por um lado, e um público cada vez mais interativo, por outro, são duas faces de uma nova forma de se fazer notícia” (Enio Moraes Júnior & Maria Elisabete Antonioli, 2016, p. 44). Se antes eram os jornalistas que iam à procura da notícia, hoje é a notícia que procura os jornalistas (Mauro Wolf, 1994, p. 196).

2. A importância da rádio ao longo dos tempos

2.1. A chegada da rádio a Portugal

Na obra “A Nossa Telefonía: 75 anos de Rádio Pública em Portugal”, Joaquim Vieira *et al.* (2010) afirmam que “as primeiras aplicações de telegrafia sem fios (TSF) em Portugal foram realizadas pelo exército”, com vista ao “aperfeiçoamento dos seus sistemas de comunicação” (p. 26). Com a eclosão da I Grande Guerra Mundial foi possível confirmar a utilidade da rádio, meio que sofreu melhorias derivadas do desenvolvimento da indústria militar e uma aceleração da sua difusão (Vieira *et al.*, 2010, p. 26).

No entanto, o surgimento de uma atividade radiofónica regular deu-se anos mais tarde, em 1924, quando Abílio Nunes dos Santos fundou o primeiro posto emissor nos Grandes Armazéns do Chiado. A “Rádio Lisboa”, como foi apelidada, começou a ganhar um número considerável de ouvintes oriundos não só de Lisboa como também dos arredores da capital (Vieira *et al.*, 2010, p. 30). Este sucesso encorajou Nunes dos Santos a comprar um equipamento americano que permitiu a fundação de um posto emissor semiprofissional em 1925: “A Rádio Portugal” e em 1926: “A Rádio Colonial” (Vieira *et al.*, 2010, p. 30). Como consequência destes eventos, deu-se o aparecimento de “inúmeros emissores particulares na segunda metade dos anos 20 e início da década de 30, sobretudo em Lisboa e no Porto” (Vieira *et al.*, 2010, p. 30). Após um período de experiências ao nível das emissões radiofónicas, o Rádio Clube Português (RCP) começou a emitir em 1928 (Mustafá, 2014, p. 158), a Emissora Nacional a 1 de agosto de 1935 (RTP Ensina, 2011) e a Rádio Renascença a 1 de janeiro de 1937 (Mustafá, 2014, p. 167).

De acordo com Jorge Silva, antes da chegada da rádio “as notícias estavam confinadas a uma elite que sabia ler e compreender o que estava escrito nos jornais” (Cátia Silva, 2015, p. 22). Segundo Candeias & Simões (1999), Portugal era dos países da Europa com menor taxa de alfabetização (p. 168): em 1930 apenas 40% da população era alfabetizada (Candeias, 2003, p. 171). Como tal, menos de metade da população tinha escolaridade suficiente para ler os jornais; o analfabetismo foi, aliás, “um dos principais entraves à massificação da imprensa” (Ribeiro, 2010, p. 121).

Para além da baixa escolaridade da população, segundo Nelson Ribeiro (2010) existiam más vias de comunicação, o que dificultava a chegada dos jornais às localidades

que não pertencessem às áreas da Grande Lisboa e do Grande Porto (p. 122). E é neste cenário que a rádio ganha importância, uma vez que chegava “a regiões onde nem a imprensa chegava e a pessoas que estavam sem informação devido ao seu analfabetismo” (Cátia Silva, 2015, p. 22). Não era preciso saber ler e escrever para ouvir e compreender as emissões radiofónicas. Além disso, as emissões chegavam a todos os habitantes, fossem eles residentes em zonas rurais ou urbanas (Silva, 2005, citado por Cátia Silva, 2015, 22). De certa forma, “para a maioria da população portuguesa, o aparecimento da rádio foi sinónimo de acesso à informação e ao entretenimento, que de outra forma lhe estariam vedados” (Ribeiro, 2010, p. 123).

Na década de 40, a rádio transformou as rotinas familiares: a população mais abastada reunia a família na sala, em frente ao recetor de rádio, para assistir às emissões, enquanto as famílias mais pobres se juntavam em cafés, lojas ou nas casas de amigos (Ribeiro, 2010, p. 122). A conclusão era uma: todas as pessoas, independentemente da sua idade, classe social, localidade ou nível de escolaridade, se juntavam em frente a um rádio para assistir às emissões.

2.2. A rádio e o Salazarismo

Joaquim Vieira *et al.* (2010) destacam que o “período experimental” da rádio foi “a ocasião de ensaiar alguns modelos de propaganda política” (p. 41): segundo os autores, em novembro de 1934, a Emissora Nacional (EN) “foi mobilizada para cobrir a campanha para as primeiras eleições legislativas previstas pela Constituição do Estado Novo”. Em dezembro do mesmo ano, “a União Nacional, o partido único do regime, organizou 150 comícios em todo o país” e o Secretariado de Propaganda Nacional (SPN) “instalou “poderosos altifalantes” nos principais centros urbanos, que transmitiram em directo o discurso eleitoral de Salazar (Vieira *et al.*, 2010, p. 41).

Em relação a Espanha, as notícias que chegavam da Guerra Civil, em 1936, eram alteradas e algumas informações ocultadas de modo a não “comprometer a imagem internacional do país, de suposta neutralidade perante o conflito” (Vieira *et al.*, 2010, p. 72): Henrique Galvão começou por ser um apoiante fiel do Estado Novo, mas depressa se tornou num forte oponente das suas ideias e valores. Galvão confidenciou, através de uma carta confidencial para o Presidente do Conselho, que

“sendo a Emissora Nacional um posto oficial, o noticiário sobre os acontecimentos deveria ser dado de forma a servir os interesses políticos de Portugal, decerto ligada à sorte do movimento revolucionário - mas de forma a pôr o Governo português, prudentemente, acoberto de reclamações diplomáticas. Assim, tendo sido dos primeiros a ter conhecimento do desastre sofrido pelo General Sanjurjo (a sua morte no aeródromo de Cascais, ao descolar a aeronave que o conduziria a Espanha para liderar a insurreição nacionalista), ocultámos a notícia por nos parecer inconveniente. Por outro lado, evitámos dar notícias dos revoltosos que nos pareciam inconvenientes pelas reclamações a que poderiam dar lugar por parte do Governo Espanhol. Enfim, não podíamos imitar nem seguir levianamente os processos dos postos particulares, por mais simpáticos que nos sejam sobre ponto de vista do nosso idealismo político” (Vieira et al., 2010, pp. 72-75).

Desta forma, tal como Cláudia Henriques (2023) afirma, durante o período Salazarista a rádio viveu num “regime de censura” que restringiu “a realidade noticiada” àquela que era “permitida noticiar” (p. 125).

É certo afirmar que “a eclosão da Segunda Guerra Mundial veio intensificar a «guerra das ondas» anunciada pelo conflito espanhol” (Vieira et al., 2010, p. 76): em 1939, durante o segundo conflito mundial, predominava na Europa um cenário de regimes ditatoriais e tendo a rádio nascido num “contexto político autoritário”, “a sua difusão vai ao encontro dos ideais do governo” (Barbosa, 2010, p. 14). O Comissário Político que controlava a propaganda, Fernando Homem Cristo, afirmava que “numa boa proporção, a parte falada deve ser destinada à propaganda da Nação, do Estado Novo, da sua ideologia e orientação política, das suas realizações e da obra governamental” (Vieira et al., 2010, p. 44). Como tal, neste clima de tensão, “a rádio revelou-se um aparelho técnico e discursivo ao serviço dos interesses de poder, e um instrumento para a legitimação da ditadura”, uma vez que “era o Estado que atribuía as frequências, e por isso, o sistema estava altamente controlado” (Cordeiro, 2004, p. 2). O controlo era tão rigoroso que “qualquer alteração aos programas deveria ser autorizada superiormente, de forma a reduzir ao mínimo o espaço de improvisação dos intervenientes nas emissões em directo, e a própria forma como os locutores se expressavam era sujeito a um escrutínio permanente” (Vieira et al., 2010, p. 60).

Mustafá (2014) garante que durante o Salazarismo “o respeito à liberdade de expressão e aos direitos individuais eram muito limitados” (p. 63): Salazar chegou mesmo a “suspender o funcionamento de todas as estações radiofónicas privadas” para que, desta forma, pudesse “utilizar a rádio como «microfone» oficial” sem que “nenhuma estação pudesse intervir discutindo temas controversos” (Barbosa, 2010, p. 16). Apenas a Rádio Clube Português (RCP) e a Rádio Renascença estavam autorizadas a emitir (Vieira *et al.*, 2010, p. 77).

O controlo das emissoras e das suas programações acabou por contribuir para a permanência de Salazar como Chefe de Estado, uma vez que “todos veículos de comunicação que se posicionavam contra o regime eram proibidos” (Mustafá, 2014, p. 172). Segundo António Ferro (1933), ministro de Salazar e diretor do Secretariado Nacional de Informação, a repressão existia para fazer “silenciar a oposição ou quaisquer vozes críticas que pudessem colocar em causa o poder vigente” (Ferro, 1933, citado por Mustafá, 2014, p. 64). No seu discurso de tomada de posse, enquanto presidente da Emissora Nacional (EN), Ferro destacou a rádio enquanto “o mais poderoso instrumento de propaganda directa”, tendo a “pesada responsabilidade da educação cívica, moral e artística” do povo português (Vieira *et al.*, 2010, p. 77).

Ao contrário de outros ditadores europeus, Salazar “não era adepto da mobilização das massas” (Ribeiro, 2005, p. 75); aliás, o chefe de Estado sempre esteve “distante da imprensa e evitava falar ao rádio” (Mustafá, 2014, p. 189). No entanto era do seu interesse que “os indivíduos assumissem uma postura passiva que não colocasse em causa o poder instituído” (Ribeiro, 2005, p. 75). O regime de propaganda de Salazar consistia, portanto, “no elogio do trabalho desenvolvido pelo Chefe do Governo e nos feitos heroicos da nação portuguesa, criando um clima de serenidade e confiança e não de exaltação e mobilização” (Ribeiro, 2005, p. 75). Nelson Ribeiro (2005) refere que para Oliveira Salazar a censura era vista como um “um mal necessário, destinado a impedir a subversão da opinião pública” (p. 75).

De modo a manter um clima de serenidade na população portuguesa, o Estado distribuía as frequências às emissoras, “o que lhe dava segurança e maior controle” e mantinha no ar programas de entretenimento, “a fim de distrair os portugueses dos verdadeiros problemas que afetavam a nação” (Mustafá, 2014, p. 172). Apesar de toda a censura e controlo das emissões, Cordeiro (2004) considera que a rádio continuava a ter o papel importante de “distrair a população, fazendo-a esquecer, ainda que por breves momentos, da situação de fechamento a que o país estava votado” (p. 2).

2.3. A chegada da televisão a Portugal e a sua influência na rádio

Na década de 50 dá-se o aparecimento da televisão em Portugal: as emissões experimentais começaram em 1956 a partir da Feira Popular em Lisboa e, um ano mais tarde, começaram as emissões regulares (Vieira *et al.*, 2010, p. 117). Com a chegada deste novo meio, marca-se “um novo período de adaptação para rádio, pública e privada” (Vieira *et al.*, 2010, p. 117). Dá-se “o nascimento de uma nova fase na rádio portuguesa, mais moderna, em oposição à anterior, testaram-se novas configurações, que se opunham no campo do discurso e da expressão, e desenvolveram-se novas ideias especialmente no campo da música e da ficção” (Cordeiro, 2004, p. 3).

De acordo com João Paulo Meneses (2010), “a invenção e quase imediata popularização da televisão retiraram a rádio da sala (e mesmo do quarto) de casa, colocando-a em acumulação com outras tarefas: conduzir, correr, estudar”. Desta forma, o surgimento da televisão levou a que a rádio se tornasse no “som de fundo das nossas vidas, o nosso meio mais persistente e omnipresente companheiro” (Hilmes, 2002, pp. 1-2, citado por Henriques, 2023, p. 24). Ao passar a ser ouvida de forma secundária e não de forma primária, a rádio foi “perdendo o foco principal do horário nobre na sala de estar, mas fazendo-nos companhia durante o resto do dia nas nossas cozinhas, quartos, casas de banho, automóveis, escritórios e oficinas” (Hilmes, 2002, pp. 1-2, citado por Henriques, 2023, p. 24).

Ao longo da década de 60 “a informação passou a ser um elemento central para os programas que se especializaram em torno de temáticas tão diferentes como a informação de actualidade ou a divulgação musical” (Cordeiro, 2004, p. 3). A fuga da realidade e o entretenimento que a rádio proporcionava, apesar de importantes, tornaram-se insuficientes e a rádio teve de se adaptar para fazer face à imagem que ditava a essência da televisão: Meneses (2010) chegou mesmo a apelidar o aparecimento da televisão como “o grande abalo do século radiofónico”. Joaquim Vieira *et al.* (2010) parecem concordar com João Paulo Meneses, uma vez que facilmente se notava “o entusiasmo do público com a grande novidade tecnológica e comunicacional”, o que levava à reflexão “acerca do modo como a televisão poderia destronar a rádio” (p. 117).

Apesar do surgimento da televisão e da sua capacidade de difusão de imagem, a rádio não teve os seus dias contados, uma vez que é o meio mais rápido na transmissão da informação. Também era mais acessível uma vez que nem todas as famílias se podiam dar ao luxo de possuir um televisor (Cátia Silva, 2015, p. 27). De acordo com António

José Telo e Dina Cristo, citados por Vieira *et al.* (2010), em 1939 existiam 89.300 recetores registados, tendo aumentado para 120.663 em 1942 (p. 118). Devido à “introdução do transistor e a consequente produção de rádios portáteis, aliando-se o preço mais acessível dos aparelhos, estima-se que haveria já cerca de 840.000 aparelhos registados em 1960, duplicando este número ao longo da década seguinte” (Vieira *et al.*, 2010, p. 117). Esta situação colocava a rádio em vantagem face à televisão uma vez que possibilitava que as estações com maior potência de emissão chegassem à maior parte do país (Vieira *et al.*, 2010, p. 118). Além de tudo isto, a rádio soube ir “buscar ao meio televisivo ingredientes criativos que lhe permitissem rivalizar com o poder visual das imagens televisivas ou, simplesmente, melhor se adaptar a um mundo que ganha um novo meio de comunicação” (Henriques, 2023, p. 32).

Mais recentemente Cláudia Henriques (2023) recorre a Bolter e Grusin (2000) para destacar a capacidade que os novos média têm para renovar os velhos meios, bem como a capacidade de reconfiguração dos meios tradicionais para fazer frente aos desafios dos novos meios (p. 33). E é a partir daqui que, segundo a autora, “emerge uma linhagem histórica que, com mudanças e resistências, faz com que os meios tradicionais sobrevivam e estabeleçam com os novos meios ligações que esbatem a ideia de que as mudanças conduzem a ruturas abruptas” (Henriques, 2023, p. 33).

Esta linha de pensamento vai ao encontro do conceito de mediamorfose que Roger Fidler (1997), citado por Prata (2008), utilizou para descrever o processo de mudança que os meios de comunicação atravessam: o autor sugere que, tal como acontece numa metamorfose, existe “uma adaptação dos velhos meios às novas mudanças tecnológicas” (p. 76). Desta forma, para Fidler, “os novos meios não supõem necessariamente o desaparecimento dos existentes previamente, mas uma reconfiguração dos usos, das linguagens e os necessários ajustes sobre o público-alvo” (p. 76). Nair Prata (2008) pegou na ideia de Fidler e criou, por sua vez, um termo semelhante para a rádio: radiomorfose: desta forma, a autora afirma que a “rádio dos anos 50 (...) superou o impacto tecnológico do advento da TV e buscou uma nova linguagem. O veículo não morreu, apenas se transformou” (p. 76).

A atual prova desta transformação e da importância da rádio é a parceria existente entre a Rádio Renascença e a SIC Notícias. Segundo a Revista Briefing (2017), o canal do grupo Impresa e a emissora católica aprofundaram a sua parceria, existente há cerca de uma década, com o objetivo de “aproveitar sinergias com vista a disponibilizar um melhor serviço informativo”. De modo a aumentar a oferta e a qualidade da informação,

a Renascença começou a participar, duas vezes ao dia, na Edição da Manhã da SIC Notícias: todos os dias, às 6:30h e às 7:30h, a emissão chegava aos telespectadores através de um vídeo com cerca de dois minutos, em direto, a partir da redação da emissora católica. Por sua vez, na edição das 19h da Rádio Renascença passaram a ser apresentados os destaques do Jornal da Noite da SIC. Esta parceria parece demonstrar a confiança existente na qualidade da informação da Renascença e a prova de confiança que os portugueses têm no jornalismo radiofónico.

2.4. A rádio no 25 de Abril

A 25 de abril de 1974 ocorre um acontecimento de extrema importância para Portugal e para a democracia: a Revolução dos Cravos. A rádio teve um papel de enorme destaque para a instauração da democracia, uma vez que foi através dela “que se mobilizaram as forças militares” (Cordeiro, 2004, p. 3); Joaquim Vieira *et al.* (2010) descrevem que “entre as três e as quatro horas da manhã do dia 25 de Abril de 1974, a Emissora Nacional foi ocupada pelo movimento de militares que iria derrubar o governo de Marcelo Caetano, acabando com o Estado Novo” (p. 143). Por sua vez, a RTP e o RCP foram também tomados pelos militares” (Vieira *et al.*, 2010, p. 143), sendo que este último se transformou no posto de comando do Movimento das Forças Armadas (MFA) (Leal, 2019).

As operações foram anunciadas através de duas músicas, de modo que os censores e os ouvintes não percebessem que o processo revolucionário estava em marcha (Vieira *et al.*, 2010, p. 143): às 22:50h do dia 24 de abril, a Emissora Nacional colocou no ar a música vencedora do Festival da Canção de 1974, “E depois do Adeus” de Paulo Carvalho (Leal, 2019); Vinte minutos passados da meia-noite do dia 25 de abril, “Manuel Tomás, no programa *Limite* da Rádio Renascença, confirmava a continuação das operações fazendo tocar os versos de *Grândola, Vila Morena* de José Afonso” (Vieira *et al.*, 2010, p. 143). Segundo Leal (2019), esta canção “estava proibida de passar nas rádios, porque fazia alusão ao comunismo”. O primeiro comunicado oficial do MFA foi lido às 4h26 da madrugada, por Joaquim Furtado, dando conhecimento da revolução a todos os ouvintes (Vieira *et al.*, 2010, p. 143).

Desta forma, a rádio pode ser considerada o meio de comunicação social mais decisivo no derrube da ditadura que se vivia em Portugal. A RTP Ensina (2013) destaca a importância da rádio ao referir que “as notícias da revolução foram seguidas através

deste meio e foi também ali que os portugueses ouviram as primeiras vozes de liberdade”. O Capitão de Abril, Otelo Saraiva de Carvalho, confidenciou à TSF (2012) que o sucesso do 25 de Abril se deveu à participação destas três emissoras (Renascença, Emissora Nacional e Rádio Clube Português) e que sem elas a “revolução não teria sido tão rápida nem tão efectiva”.

Com o sucesso da Revolução dos Cravos, as rádios tornam-se livres para transmitir programas e noticiários “sem medo de represálias” (Leal, 2019). Paula Cordeiro (2004) distingue três fases evolutivas no pós 25 de Abril: a primeira é a nacionalização das rádios portuguesas; a segunda é o aparecimento das rádios livres ou piratas; a terceira é a regulamentação do setor (p. 4). Segundo Vieira *et al.* (2010), a abolição da censura e a liberdade de expressão e pensamento abriram “uma nova era na história dos *media* nacionais” (p. 143).

2.5. O aparecimento da Internet e a sua influência na rádio

Mais recentemente, na década de 90, voltou a temer-se a possibilidade do fim da rádio. O motivo foi apenas um: o surgimento da Internet. De certa maneira, “a Internet veio modificar a forma da recepção radiofónica, transformando o conceito de receptor, noutro que se aproxima mais da noção de usuário, pela forma como o ouvinte/utilizador toma uma atitude activa de pesquisa e consumo dos conteúdos” (Cordeiro, 2004, p. 9). Como refere Luís Bonixe (2010, p. 333) “com a internet, o tempo já não é o da rádio, mas sim o do ouvinte que ouve a notícia que quer, quando quer e onde quer”. Segundo o autor, a Internet muito pouco pode acrescentar à rádio em termos de atualidade; no entanto, pode “complementar a informação com a utilização de novos recursos expressivos, até então vedados a um meio sonoro como a rádio”, o que pode tornar-se numa “mais-valia para a informação radiofónica na *web*” (Bonixe, 2010, pp. 333-334).

A utilização da Internet por parte das rádios possibilita a experimentação de novos formatos e o alcance de novos públicos (Bonixe, 2015, p. 330). Neste sentido, Paula Cordeiro (2004) diz que “a ameaça não é a Internet em si, mas a Net enquanto novo suporte para a rádio, que assim pode perder ouvintes no seu suporte tradicional, para ganhar novos ouvintes on-line” (p. 9). De facto, a rádio perdeu ouvintes na sua forma tradicional, mas ganhou muitos ouvintes através das emissões online: durante a pandemia, a título de exemplo, os dados do estudo Bareme Rádio da Marktest (2021) revelam que a escuta de rádio (na sua versão online) ganhou maior relevância. Novamente, a rádio

mostra-se uma importante companhia em situações nas quais a população se encontrou fechada e isolada do resto do mundo.

A “migração” da rádio para o online é vista como um estímulo para os jornalistas: habituados a trabalhar única e exclusivamente com o som, “o desafio está, pois, na utilização e domínio de uma nova linguagem já não apenas baseada na expressividade sonora” (Bonixe, 2010, p. 337). O online traz consigo novas narrativas e novos elementos expressivos: o vídeo, a infografia, a fotografia. Estes elementos fazem parte das notícias online das estações radiofónicas e os jornalistas de rádio passam a ter de explorar e adquirir estas novas capacidades (Bonixe, 2010, p. 337). Para Luís Bonixe (2015) a rádio portuguesa atual é multiplataforma, uma vez que combina “a sua versão hertziana e sonora, com a presença na Internet, nas redes sociais e nas plataformas móveis” (p. 325). De forma geral, o uso do online por parte das rádios confere “ao meio radiofónico outra vida para além da sua forma tradicional” (Bonixe, 2015, p. 324). Viver no online é, atualmente, indispensável para qualquer estação de rádio.

3. Internet vs. jornalismo de rádio

3.1. Desafios da Internet para o jornalismo de rádio

Luís Bonixe (2011) situa os desafios do jornalismo de rádio na Internet a três níveis: ao nível da expressividade, ao nível das plataformas, e ao nível dos conteúdos (p. 29). Especificamente ao nível da expressividade passou a impor-se aos jornalistas de rádio novos perfis profissionais que implicam formação, valores e práticas profissionais adaptadas a uma linguagem multimediática, hipertextual e interativa (pp. 29-30). Já ao nível das plataformas a rádio informativa está presente na Internet, nos dispositivos móveis, e nas redes sociais online (p. 30). Finalmente ao nível dos conteúdos verifica-se uma nova expressividade, menor limitação temporal e espacial, e multiplicação de plataformas nas quais se encontra presente (p. 30).

O advento da Internet trouxe novas competências tecnológicas que, segundo Bastos *et al.* (2012, p. 105), originaram “uma mudança nas práticas de trabalho, transformando as rotinas e demandas profissionais, acelerando a produção e abrindo todo o processo para novas capacidades”. Estas novas rotinas nas redações radiofónicas “afetaram a forma como as fontes são tratadas, o processo de newsmaking ou mesmo a forma como as redações assimilaram as antigas secções online no seu sistema de produção global” (Bastos *et al.*, 2012, p. 105).

A presença da rádio no online implica, de acordo com Bonixe (2011, p. 31), “profundas modificações nos modos e práticas produtivas e de organização dos jornalistas”. Se os jornalistas de rádio estavam habituados a trabalhar exclusivamente com o som, depressa a Internet os incentivou a “aprender novas habilidades envolvendo novas linguagens e novas ferramentas” (Bastos *et al.*, 2012, p. 105) – ferramentas e linguagens que envolvem não só o carácter sonoro da rádio, como também o carácter visual que a Internet proporciona. Sendo que a rádio exclusivamente sonora está a dar lugar a uma rádio multifacetada e multiplataforma, os jornalistas deste meio passam a ter a preocupação de utilizar e dominar “elementos expressivos que não são próprios do código genético do meio rádio, como o vídeo, as infografias, a fotografia ou simplesmente a palavra escrita” (Bonixe, 2011, p. 32). Além disso, Bonixe (2011) destaca a criação de novos produtos: conteúdos em *pdf*, *podcast* ou *mobile journalism* (p. 32). Desta forma, face a este novo cenário multiplataforma, “o desafio do jornalismo radiofónico é o de

manter o equilíbrio entre as suas características tradicionais e os novos atributos que lhe são conferidos pelas plataformas digitais” (Bonixe, 2011, p. 32).

A rádio informativa sempre acompanhou a atualidade ao minuto, mas na era do online “a rádio concorre com uma multiplicidade de outras formas de comunicação/informação que disponibilizam igualmente conteúdos de modo rápido e actual” (Bonixe, 2011, p. 32). Um dos desafios que as plataformas digitais colocam ao jornalismo radiofónico é a abertura de novos enquadramentos relativos às características tradicionais do meio, como é o caso da interatividade. A rádio já era interativa e com a Internet ainda ficou mais, uma vez que abriu “novos caminhos para a rádio se expandir, principalmente “no que diz respeito aos conteúdos jornalísticos” (Bonixe, 2011, p. 33).

Um outro desafio tem a ver com o facto de as rotinas dos jornalistas de rádio estarem relacionadas com a procura de som: Bonixe (2011) diz mesmo que “para os jornalistas da rádio, informar não é tudo: é preciso ter o som que ilustre essa informação” (p. 33). Como tal é expectável que a introdução de elementos multimédia, característicos da Internet, seja um desafio para estes profissionais habituados a trabalhar exclusivamente com o som.

As plataformas digitais também possibilitam a redução dos constrangimentos e das limitações temporais inerentes à rádio tradicional: a Internet permite “alargar a cobertura da rádio a outros temas e protagonistas” e “aprofundar matérias já tratadas na emissão radiofónica” (Bonixe, 2011, p. 33).

3.2. Desafios das redes sociais online para o jornalismo de rádio

Raquel Recuero (2009, p. 24) recorre a Wasserman e Faust (1994) e a Degenne e Forse (1999) para definir rede social. Segundo estes autores, “uma rede social é definida como um conjunto de dois elementos: atores (pessoas, instituições ou grupos; os nós da rede) e suas conexões (interações ou laços sociais)”. Desta forma, para Recuero (2009, p. 24), “uma rede é uma metáfora para observar os padrões de conexão de um grupo social, a partir das conexões estabelecidas entre os diversos atores”. Através da definição de Recuero, Inês Amaral (2016, p. 67) compreende redes sociais como “sistemas de comunicação que interligam indivíduos com laços comuns e potenciam uma estrutura dinâmica de relações interpessoais, sem que todos os indivíduos estejam directamente ligados mas antes participem da rede”.

A aposta das rádios nas redes sociais online parte do facto de que, nos tempos que correm, a maior parte da população acede às notícias através destas plataformas digitais e a partir das páginas que os órgãos de comunicação social possuem no *Facebook*, no *Instagram*, ou no *Twitter*, e nas quais divulgam diariamente inúmeras informações novas e “prontas a consumir”. Segundo um estudo do OberCom (2021, p. 27), “a televisão é a principal fonte de notícias para 57,7% dos inquiridos (...), a internet para 17,4% e as redes sociais a principal forma de acesso a notícias para 13,4% dos portugueses”. O facto de a rádio se aliar à Internet e às redes sociais online é um impulso determinante para a mudança e para a adaptação do próprio meio e dos jornalistas que lá trabalham.

Luís Bonixe (2010b) caracteriza a presença da rádio nas redes sociais online de dois modos: “institucional” e “formal”. No primeiro caso, a rádio recorre às suas contas nas redes sociais online de modo a promover a emissão radiofónica, “sugerindo aos utilizadores programas, indicando o horário em que começam a ser emitidos ou lançando o tema de um espaço de debate” (p. 141). No segundo caso, o jornalista de rádio recorre às redes sociais online, através da sua conta pessoal, “para divulgar programas em que participa ou abrir um canal de discussão para aquilo que está ou vai ser emitido na emissão tradicional” (p. 141). De um modo geral, Bonixe (2010b) concorda que

“a presença do jornalismo nas redes sociais online convoca novos cenários tanto para a prática jornalística como para os próprios consumidores de informação que vêem assim aumentadas as possibilidades no processo de construção noticiosa através da sua própria participação” (p. 143),

Participação essa que se dá através da possibilidade de os usuários comentarem as notícias partilhadas pelas estações emissoras. Noutra das suas obras relacionadas com a Rádio e a Internet, Bonixe (2011) refere que a presença da rádio nas redes sociais online é “uma linha de investimento que deve ser assinalada” (p. 32). Atualmente, de acordo com o autor, “as rádios não dispensam o *Facebook* ou o *Twitter*, plataformas nas quais passaram a colocar os tópicos principais das suas notícias, seguindo, sobretudo, uma lógica de expansão e disseminação da informação pela rede” (p. 32). Silva (2019) vai mais além e conclui que “a rádio tem crescido em Portugal, nunca as audiências foram tão boas, nunca tanta gente ouviu rádio, e a presença das estações no digital tem ajudado e muito no crescimento do número de ouvintes” (p. 14). A presença das estações radiofónicas nas redes sociais online tem sido relevante no aumento das audiências, principalmente das

camadas mais jovens que são aquelas que têm uma participação mais ativa nestas plataformas digitais.

No entanto, é de destacar que as redes sociais online implicam novos desafios aos jornalistas de rádio e isso “é visível nas preocupações demonstradas nas redacções que criaram códigos de conduta para que os seus jornalistas usem as redes sociais sem colocar em causa a credibilidade do órgão de comunicação social para o qual trabalham” (Bonixe, 2010b, p. 144). Aqui se vê a preocupação que as rádios têm em evoluir sem perder as características tradicionais do jornalismo.

4. Influência da pandemia no jornalismo de rádio

4.1. Influência da pandemia nas práticas e nas rotinas de um jornalista de rádio

No início da pandemia a imprensa “importou-se muito em conhecer como viviam as pessoas e quais os seus reais problemas” (Lopes *et al.*, 2021, p. 66); durante o segundo confinamento o interesse manteve-se devido às “questões do teletrabalho e ensino a distância” (Lopes *et al.*, 2021, p. 66). No entanto, “a contagem de infetados e de mortos” foi uma constante (Lopes *et al.*, 2021, p. 67). Para Mheidly & Fares (2020), “a natureza complexa e desconhecida da pandemia catapultou os media para um papel de relevo, funcionando como «os olhos do público»”. Desta forma, “os canais de media tornam-se janelas através das quais o público procura informação correta, factos científicos sólidos, decisões governamentais e reações do público em geral” (Mheidly & Fares, 2020, citados por Lopes *et al.*, 2021, p. 60).

No “Estudo sobre os Efeitos do Estado de Emergência no Jornalismo no Contexto da Pandemia Covid-19” de Camponez *et al.* (2020) os autores realizaram um inquérito online a profissionais detentores de título de jornalista, tendo sido consideradas 890 respostas completas. Através deste estudo os investigadores concluem que mais de metade dos jornalistas trocou a redação pelo domicílio e que houve um número considerável de jornalistas que deixaram de sair frequentemente em reportagem (Camponez *et al.*, 2020, p. 3). Siqueira *et al.* (2020) acrescentam que, com o coronavírus, “as entrevistas passaram a ser marcadas em locais mais abertos” e que, em outras situações, se tornou “inviável a ida do repórter até o entrevistado” (p. 169).

Apesar desta tendência, também se pode verificar que “a Rádio e a Televisão foram os média onde os jornalistas mais foram solicitados a trabalhar em redação” (Camponez *et al.*, 2020, p. 26). Num inquérito levado a cabo por Bonixé (2021) o autor conclui que, mesmo para jornalistas que permaneceram na redação, “a pandemia e o confinamento representaram a modificação de rotinas e formas de produção” (p. 83). Por outro lado, aqueles que começaram a praticar “jornalismo em casa” não viram diminuir o número de horas diárias de trabalho: aliás, a carga horária aumentou, uma vez que “a falta de barreiras temporais e espaciais possibilitada pelo trabalho em redação deixou de existir durante o confinamento pandémico” (Capoano e Teixeira de Barros, 2020, p. 9). O estudo de Luís Bonixé (2021) encontra respostas muito semelhantes ao estudo de

Camponez *et al.*: 66% dos inquiridos admitiram que “uma das principais consequências da pandemia para as suas rotinas de trabalho foi terem passado a fazer menos trabalho de reportagem”; 67% garantem ter “despendido mais tempo do seu trabalho no contacto com as fontes de informação”; 69,6% “passaram a fazer mais trabalho de produção, incluindo a edição de sons” (p. 83). Mas uma coisa é comum a todos: “os respondentes reconheceram que o seu trabalho aumentou durante o período considerado” (Bonixe, 2021, p. 85). Se antes da pandemia os jornalistas já tinham de “combinar o seu trabalho de pesquisa, edição e difusão da informação com outras tarefas”, após o surgimento da pandemia, “o trabalho de edição e produção aumentou” (Bonixe, 2021, p. 90).

No Brasil, a situação foi muito idêntica à de Portugal: num inquérito levado a cabo por Capoano e Teixeira de Barros (2020, p. 6), 95,4% dos inquiridos “declararam ter sofrido algum tipo de alteração na rotina de trabalho”; 65,7% revelou, ainda, que uma das principais mudanças foi a “adoção de um regime de teletrabalho”; e 51,12% “passou a trabalhar mais horas por dia”. Em paralelo, quase 20% “foram impedidos de exercer a sua atividade laboral de algum modo”, cerca de 10% “tiveram o acesso a locais ou a documentos negados”, e “34% passaram por situações de ameaça verbal em algum momento da cobertura” (p. 6).

De acordo com Felisbela Lopes *et al.* (2021), com a pandemia “mudaram-se ritmos de produção noticiosa, (...) alteraram-se alinhamentos; introduziram-se novos temas; alargaram-se as fontes de informação; abriram-se plataformas para conversar à distância” (p. 59). Capoano e Teixeira de Barros (2020) asseguram que

“a velocidade do contágio acelerou o tempo de produção e a quantidade de notícias despendidas pela sociedade. Assim, um ambiente tão volátil quanto incerto fez com que a classe jornalística trabalhasse combinando maioritariamente as figuras públicas com alguma capacidade, envolvimento ou notoriedade para reportar informações à sociedade: gestores públicos, especialistas em saúde, representantes da OMS e população atingida, que fizeram o papel de atores de uma cobertura de um fato único, mas sem nenhuma certeza do que é certo ou verdadeiro, dado o ineditismo do fenómeno abordado e da mutabilidade do vírus” (p. 11).

Como tal, dado o excesso de informação sobre o vírus, os jornalistas viram-se perante “um esforço acrescido na seleção e confirmação das fontes de informação”

(Lopes *et al.*, 2021, p. 59). Siqueira *et al.* (2020) também destacam “a rapidez e intensidade do surgimento de informações e de novas medidas de controle e prevenção, com consequentes mudanças nas rotinas produtivas dos jornalistas” (pp. 152-153) durante a pandemia de Covid-19. Muitos dos profissionais de jornalismo que entraram em regime de teletrabalho “tiveram de reforçar o recurso às formas tradicionais de contacto à distância – como o correio eletrónico e o telefone – e recorrer a plataformas, até aí menos habituais, para conversas online” (Camponez *et al.*, 2020, p. 3). Uma vez que era impossível receber convidados em estúdio, “as entrevistas à distância passaram a dominar os programas” (Siqueira *et al.*, 2020, p. 169), passando a decorrer através de diversas plataformas digitais, como o *Zoom*, o *Skype* ou o *Google Teams*. Assim, o uso destas ferramentas tornou possível a diversidade de fontes de várias geografias e, além disso, colmatou constrangimentos relacionados com a distância física e com os impedimentos horários (Lopes *et al.*, 2021, p. 68). A familiarização com estas ferramentas, por parte dos jornalistas, tornou-se fundamental para a continuação da produção noticiosa. De acordo com Miranda *et al.* (2021):

“O impacto do confinamento nas rotinas dos inquiridos provocou não apenas marcas de despersonalização dos modos de interação com as fontes, como também um aumento do recurso a fórmulas assíncronas de contacto, acentuando potenciais cenários de «taylorização» do trabalho jornalístico, de «jornalismo sentado» e de reciclagem de informação veiculada no ambiente online” (p. 301).

No que concerne o contacto entre jornalista e fontes de informação surgiram algumas “dificuldades inerentes à linguagem médico-científica, a falta de formação e especialização dos jornalistas” (Marcinkowski, *et al.*, 2014; Wallington, *et al.*, 2010, citados por Lopes *et al.*, 2021, p. 61) a que Lopes acrescenta o “esvaziamento das redações”. Desta forma, os flagelos mencionados, bem como a falta de tempo para tratar a informação, “obrigam” os jornalistas a utilizar sistematicamente *press releases* (Magalhães, 2020, citada por Lopes *et al.*, 2021, p. 61): se esses materiais já incluírem “dossiês de informação, imagens e grafismos, que rapidamente possam alimentar a máquina noticiosa” (Silva, 2005, p. 204, citado por Lopes *et al.*, 2021, p. 61), mais facilmente os jornalistas os utilizarão, pois além de “prontos a usar” os conteúdos infográficos permitiram adicionar mais dados à informação. Mais do que informar, os

jornalistas quiseram “dotar os cidadãos de conhecimentos acerca daquilo de que se falava”, de modo ajudar as pessoas a “encontrar âncoras de segurança para se protegerem da doença” (Lopes *et al.*, 2021, p. 71).

De forma geral, Adghirni (2010) admite que “a emergência de um «jornalismo sentido» (...) foi determinante para reduzir a autonomia dos jornalistas diante das fontes” (Adghirni, 2010, p. 71, citado por Capoano e Teixeira de Barros, 2021, p. 8). Neste sentido, apesar da liberdade e autonomia que os jornalistas têm a nível do processo de produção noticiosa, durante a pandemia estes profissionais viram-se “obrigados” a recorrer a fontes especializadas, principalmente àquelas dotadas de conhecimentos em saúde. Se por um lado a autonomia a nível técnico até possa ter aumentado, por outro a dependência do jornalista a determinadas fontes também parece ter-se intensificado. As fontes de informação especializadas, tais como investigadores ou profissionais da área da saúde, revelaram-se importantes: segundo Briggs & Hallin (2016), “a sociedade outorga às fontes especializadas um elevado grau de credibilidade” (Briggs & Hallin, 2016, citados por Lopes *et al.*, 2021, p. 61). Lopes *et al.* (2021) consideram ter sido necessário “dotar a informação de uma espécie de «saber sábio»” (p. 68). Como tal, estas fontes especializadas contribuíram positivamente para o jornalismo em período pandémico.

André Góis (2021) refere que a rádio se apresenta “como o meio que melhor lida com as crises, já que a sua simplicidade técnica permite uma resposta imediata aos eventos e desastres” (p. 30). Rodero (2020) acrescenta que “a perceção de confiança que os cidadãos têm do meio como o meio mais credível e que oferece mais companhia, fazem dele um meio ideal para ultrapassar estes cenários” (p. 2). Numa situação pandémica, as populações tendem a procurar mais informações rápidas e credíveis; por essa razão, Luís Bonixe (2021) afirma que “a rádio teve sempre um papel determinante respondendo a essas necessidades, o que lhe permitiu ganhar espaço no território dos media” (p. 72) enquanto meio próximo do ouvinte dada a sua “capacidade de penetração em várias camadas da população com diferentes graus de escolaridade e distintas faixas etárias” (Hendy, 2000; Crisell, 1994, citados por Bonixe, 2021, p. 72). Neste contexto as rádios mostraram a “capacidade de se manter operacionais, adaptando as formas de trabalho, seja transmitindo remotamente a partir de casa, através da gravação antecipada dos seus programas, ou recuperando programação dos arquivos” (Góis, 2021, p. 30). Capoano e Teixeira de Barros (2020) acrescentam no âmbito do seu inquérito que, por serem maioritariamente *millenials*, “os respondentes da amostra tinham as características

geracionais propícias para se adaptarem às mudanças consideráveis na rotina de trabalho que a cobertura sobre o Coronavírus lhes impôs” (p. 8).

Durante este período pandêmico a rádio teve de se adaptar em termos de conteúdos, métodos de trabalho e equipas: alguns programas foram suspensos para dar lugar a atualizações sobre a situação epidemiológica, passaram a utilizar-se as redes sociais online com mais frequência, e reforçaram-se os conteúdos transmitidos em *podcast* (Góis, 2021, pp. 30-31). Lopes *et al.* (2021) admitem que “o jornalismo português mudou em tempo de pandemia” (p. 70) e, como tal, também para os participantes de um inquérito realizado por Góis (2021) “o jornalismo não ficou mais fácil com a pandemia”, quer seja pelas dificuldades de deslocação em reportagem, pelos condicionalismos no acesso presencial aos eventos, pelo difícil acesso às fontes, ou pelas questões de saúde pública (pp. 44-45). Um dos inquiridos de Siqueira *et al.* (2020) chega mesmo a afirmar que “a pandemia foi um catalisador de mudanças”, uma vez que “trouxe para hoje coisas que a gente esperava para daqui a alguns anos nas redações” (p. 171), nomeadamente as mudanças que o digital provocou na produção de notícias.

Além de todas as vantagens que as novas tecnologias permitiram aos jornalistas durante este período de crise pandémica, também podem apontar-se algumas desvantagens: de acordo com os dados recolhidos por Siqueira *et al.* (2020), a adoção das novas tecnologias “contribuiu para a sobrecarga dos profissionais, dentro das novas rotinas produtivas” (p. 175) pois “demandam um conhecimento específico que precisa ser obtido pelos profissionais” (p. 181) e que pode gerar um certo nível de stress aos jornalistas. Junta-se, por outro lado, a “imprevisibilidade e instabilidade técnica” (p. 182) que pode gerar “falhas por queda de sinal nos equipamentos” ou “problemas inesperados com as próprias ferramentas” (p. 173); todas estas situações geram stress extra aos jornalistas, uma vez que qualquer falha tem de ser resolvida ao vivo. No entanto, a grande maioria dos jornalistas de rádio adaptaram-se bem ao uso destas tecnologias: Siqueira *et al.* (2020) destacam que “a pandemia abriu esse olhar jornalístico de que é possível novas formas de fazer. Essa tendência tecnológica faz entender que dá para ter novas práticas” (p. 184), que devem perdurar no pós-pandemia.

Apesar da adaptação profissional que estes jornalistas conheceram, a maioria concorda que a adoção destas novas soluções tecnológicas no futuro poderá produzir “efeitos benéficos ou muito benéficos na atividade informativa” (Camponez *et al.*, 2020, p. 28). Lopes *et al.* (2021) acreditam que “estas práticas jornalísticas tenderão a permanecer e isso vai certamente reconfigurar o jornalismo atual” (p. 71) e também os

entrevistados de Siqueira *et al.* (2020) concordam que “algumas das mudanças na rotina produtiva irão permanecer como prática na redação mesmo após o fim da pandemia” (p. 183). No entanto, apesar de todas as mudanças, “a rádio não se desvirtuou do tradicional, mantendo-se fiel àquilo que sempre foi” (Góis, 2021, p. 59). Rodero (2020) conclui que, de entre todos os outros, “o rádio é o meio com percepção mais positiva no tratamento da crise do coronavírus” (p. 8): por isso “a relevância e a missão de serviço público que o jornalismo assumiu foram inequívocos e isso fica como uma marca importante deste tempo” (Lopes *et al.*, 2021, p. 70).

4.2. Potencialidades da Internet no jornalismo de rádio durante a pandemia

Apesar de se ter chegado a considerar que a rádio teria os seus dias contados, este meio continua a ter “uma presença bastante significativa (...) na vida dos portugueses, seja na forma tradicional ou procurando novas formas de escuta da emissão radiofónica, como o *streaming* através da Internet” (Bonixe, 2021, p. 78). Este fenómeno não se alterou no decorrer da pandemia de Covid-19: pelo contrário, intensificou-se. André Góis, no seu relatório intitulado “A adaptação da rádio informativa à pandemia: o caso da Antena 1” (2021), inquiriu 38 jornalistas da Antena 1 e entrevistou 3, concluindo que “a cada vez maior digitalização da rádio tem sido fulcral para consolidar a integridade do setor durante a crise pandémica da COVID-19” (p. 29).

Não é segredo que as audiências da rádio estão a diminuir no suporte tradicional e a aumentar via online: o estudo Bareme Rádio da Marktest (2023) conta “3,5 milhões de residentes em Portugal Continental que ouvem rádio pela Internet”. Este valor, registado no segundo semestre de 2022, é considerado o mais elevado desde que este parâmetro é estudado, indo ao encontro de Góis (2021) que admite ser “possível denotar uma alteração nos hábitos de consumo: ouvir rádio continua a ser um fenómeno em crescendo, mas pela internet” (p. 28) – se em 2014, “apenas 20,5% dos portugueses dizia ouvir rádio pela Internet” (Marketeer, 2021), em 2022 o número subiu para 40.8% (Marktest, 2023).

Cardoso *et al.* (2021), num estudo do OberCom, admitem que a rádio “conseguiu resistir de uma forma consideravelmente positiva aos efeitos disruptivos do coronavírus e do período de confinamento” e, em grande parte, este feito deve-se ao crescimento exponencial do consumo de rádio online (Cardoso *et al.*, 2021, p. 18). Bonixe (2021)

acrescenta que “uma das razões para este cenário de resistência pode ser encontrada na sua capacidade de renovação” (p. 80): exemplo dessa renovação são o surgimento da Rádio Observador, e dos *podcasts* da revista Visão e dos jornais Público e Expresso (Bonixe, 2021, p. 80). Os investigadores do OberCom (2020) adicionam a estes exemplos a parceria entre Grupo Renascença Multimédia e o Portal Sapo, que permite “valorizar o património produtivo do Grupo Renascença, ao nível da informação” e, ainda, “garantir à marca histórica nativa digital a disponibilidade de conteúdos informativos com o selo de qualidade histórico da marca radiofónica” (Cardoso *et al.*, 2020, p.33).

Estes dados não só comprovam que a rádio se adaptou bastante bem ao online, como também que a Internet foi um bom aliado da rádio em período pandémico. Tuñez-López (2020) vai mais longe e afirma que “as mudanças causadas pela Covid-19 vão além de reajustes momentâneos”, dado que “a pandemia eclodiu no momento em que se iniciava uma mudança tecnológica que agora desponta como ação prioritária no futuro para alcançar a transformação digital e construir uma sólida cultura digital” (p. 15).

4.3. Potencialidades das redes sociais online no jornalismo de rádio durante a pandemia

Raquel Recuero (2009b) elege três relações entre o jornalismo e as redes sociais online: a primeira relaciona as “redes sociais como fontes produtoras de informação”; a segunda relaciona as “redes sociais como filtros de informações”, e a terceira relaciona as “redes sociais como espaços de reverberação dessas informações” (p. 43). A primeira relação tem a ver com o facto de através das redes sociais online ser “possível encontrar especialistas que podem auxiliar na construção de pautas, bem como informações em primeira mão” (p. 44). A segunda afirma que “as redes sociais vão atuar de forma a coletar e republicar as informações obtidas através de veículos informativos ou mesmo de forma a coletar e a republicar informações observadas dentro da própria rede” (p. 45). A terceira e última tem a ver com o facto de as redes sociais online serem “espaços de circulação de informações. Com isso, tornam-se também espaços de discussão dessas informações” (p. 45). Desta forma, de acordo com Recuero (2009b), “as redes sociais vão atuar com um duplo papel informativo: como fontes, como filtros ou como espaço de reverberação das informações” (p. 47).

Bruns (2005) citado por Recuero (2009b) considera que “as redes também poderiam atuar de forma colaborativa no auxílio na produção e na melhora da produção

de notícias”. O autor considera que as redes sociais online podem complementar o trabalho jornalístico (p. 48) e, como tal, “vê o papel dessa colaboração de forma extremamente positiva” (p. 49). Desta forma, os usuários das redes sociais online podem ser vistos como “colaboradores do processo de produção de notícias” (Bruns, 2005, citado por Recuero, 2009, p. 49).

Se em 2005 Bruns já via as redes sociais online como um complemento na produção noticiosa do jornalismo tradicional, em 2020 a pandemia ajudou a ver reforçada essa ideia. Gonçalo Ramos Silva (2021) inquiriu vários jornalistas da redação do jornal Público e conclui que “53,3% dos inquiridos consideraram que, no que concerne a recolha de informação, as redes sociais online intensificaram o contacto inicial com fontes (Silva, 2021, p. 49)” e que “43,3% viram nelas o mote para mais notícias e investigações (Silva, 2021, p. 50). Quando questionados sobre as plataformas digitais mais utilizadas para manter contactos com as fontes ou com os colegas de redação “85,7% respondeu WhatsApp, seguindo-se 57,1% com o email; o Messenger foi apontado por 14,3% dos respondentes, o Zoom por 8,6%” (Silva, 2021, p. 54). Paralelamente, os respondentes de um inquérito levado a cabo por Luís Bonixe (2021) vão ao encontro destes dados, uma vez que “passaram a usar mais os sites como fontes de informação (85,7%); o *whatsapp* para contactar com as fontes de informação (66,1%) e o *Facebook* como fonte de informação (53,06%) (p. 86).

Em relação ao jornalismo radiofónico, pegando novamente nos resultados obtidos pelo questionário realizado por André Góis (2021), a esmagadora maioria dos jornalistas da Antena 1 concordam que “as ferramentas online se tornaram mais importantes para o trabalho jornalístico durante a pandemia” (p. 54) e que “o online (..) também teve a sua importância reforçada” (p. 55). Durante o período pandémico, “a rádio adotou formas de renovação, nomeadamente através da presença na Internet, nas redes sociais e nas aplicações móveis, permitindo-lhe aproveitar as potencialidades da linguagem multimédia” (Kischinhevky & Lopez, 2019; Bonixe, 2011; Haye, 2010; Peñafiel, 2002, citados por Bonixe, 2021, p. 76). Enquanto marcava a sua presença no digital, a rádio “encontrou na rede global uma forma adicional de difusão, através do *streaming*” (Bonixe, 2021, p. 76).

Certo é que as redes sociais online tiveram um importante contributo durante o Covid-19, um estudo do *Pew Research Centre* revelou que “as redes sociais aparecem como sendo a principal fonte de informação de várias temáticas públicas (incluindo a pandemia), sobretudo entre a faixa etária dos 18-29 anos” (Mitchell *et al.*, 2020, citados

por Bonixe, 2021, p. 76). Este mesmo estudo adiantou ainda que “a rádio aparece na segunda posição, atrás dos sites de notícias e aplicações, entre os indivíduos da faixa etária 30-49 anos” (p. 76). Isto prova que, apesar da Internet ser o meio mais utilizado para obter notícias, a rádio continua a ser muito importante (Mitchell *et al*, 2020, citados por Bonixe, 2021, p. 76).

O facto de as rádios marcarem uma maior presença nas redes sociais online levou a que os respondentes do questionário de Bonixe (2021) assumissem que o seu trabalho aumentou durante o período considerado” (p. 85): desta forma, a produção de conteúdo informativo aumentou cerca de 52% em relação à antena, cerca de 57% em relação ao *website* da rádio, e cerca de 63% em relação às redes sociais (Bonixe, 2021, pp. 85-86).

No entanto, apesar da importância das redes sociais online, as *fake news* e o excesso de informação preocuparam os jornalistas, que reforçaram a necessidade de confirmação das informações que iam chegando à sua posse (Bonixe, 2021, p. 86). Tuñez-López (2020) reforça que “as redes sociais apresentam a maior lacuna de confiança”: se “47% as utilizam, apenas 14% as classificam como as fontes mais confiáveis” (p. 4). Antes de publicar o que quer que seja, os jornalistas devem ter a preocupação de confirmar a veracidade dos dados: com a pandemia, a confirmação de informação tornou-se mais urgente que nunca.

A pandemia permitiu nada mais nada menos que vincar a presença da rádio nas plataformas digitais (Bonixe, 2021, p. 89) e aumentar a proximidade com os ouvintes durante o confinamento (Bonixe, 2021, p. 87). Se antes da pandemia, “a importância dos meios eletrónicos, das ferramentas tecnológicas, já era evidente dentro da redação”, durante esse período “a utilização destas ferramentas intensificou-se a ponto de se tornarem responsáveis por grande parte do que era veiculado” (Siqueira *et al.*, 2020, pp. 170-171) pelos órgãos de comunicação social em geral.

PARTE II: ESTUDO EMPÍRICO

5. Estudos de Caso: TSF, Renascença e Antena 1

5.1. Metodologia utilizada para a análise

De modo a tentar responder às perguntas de partida “qual foi a influência que a pandemia teve (e ainda tem) no trabalho e na rotina diária dos jornalistas de rádio?”, “quais foram as alterações que a pandemia suscitou nas rotinas de *newsmaking*?” e “como é que as redes sociais online ajudaram estes profissionais?”, bem como aos objetivos inerentes a esta investigação foram utilizados métodos de investigação qualitativa e quantitativa. Para recolher os dados foram usadas técnicas interferentes, como o caso do inquérito por entrevista e o inquérito por questionário.

A realização de entrevistas semi-diretivas a três jornalistas da TSF, Rádio Renascença e Antena 1 mostrou-se proveitosa para a recolha de dados pertinentes para a execução deste trabalho. Do ponto de vista teórico, numa entrevista semi-diretiva:

“o investigador dispõe de uma série de perguntas-guia, relativamente abertas (...). Mas não colocará necessariamente todas as perguntas pela ordem em que as anotou (...). Tanto quanto possível «deixará andar» o entrevistado para que ele possa falar abertamente” (Quivy & Campenhoudt, 1998, pp. 192-193),

Mas continuando a guiar o entrevistado sempre que este se afastar do assunto da entrevista. Este método é benéfico uma vez que se preocupa com o aprofundamento da compreensão e não apenas com a representatividade numérica: segundo Quivy & Campenhoudt (1998, p. 192), “os métodos de entrevista caracterizam-se por um contacto directo entre o investigador e os seus interlocutores”, o que permite que o entrevistado exprima as suas perceções, interpretações e experiências acerca de determinada situação e que o investigador aceda a um grau máximo de autenticidade e de profundidade (Quivy & Campenhoudt, 1998, p. 192). A ideia inicial era entrevistar os três chefes de redação, mas ao longo da investigação tornou-se útil focar os jornalistas que vivenciaram a produção noticiosa na “linha da frente”. Entrevistar estas três jornalistas foi vantajoso para aprofundar algumas questões, esclarecer ideias pré-concebidas e ainda antecipar a importância que as tecnologias poderão ter, ou não, no futuro do jornalismo.

Para além do inquérito por entrevista realizou-se um inquérito por questionário a jornalistas das três mesmas rádios – um método vantajoso na medida em que permite “interrogar um grande número de pessoas”, “quantificar uma multiplicidade de dados” e satisfazer a “representatividade do conjunto dos entrevistados” (Quivy & Campenhoudt, 1998, p. 189). O questionário previa recolher o maior número de dados possível a fim de perceber como é que os jornalistas encaram as mudanças que a pandemia provocou nas suas rotinas produtivas, mas tal mostrou-se difícil, na medida em que houve uma taxa de resposta muito baixa. Uma vez que não foi possível recolher dados suficientes para retirar conclusões, considerou-se que não se justificava, a análise dos mesmos.

5.2. Apresentação e análise dos resultados

A escolha das entrevistadas foi feita de acordo a inquirir pessoas de diversas idades e com diversas experiências a nível profissional. Rita Fernandes, jornalista da Antena 1, Rute Fonseca, jornalista da TSF (Porto), e Ana Carrilho, antiga jornalista da Rádio Renascença foram as entrevistadas escolhidas. Rita é jornalista há 7 anos, Rute há 23 e Ana há 37, sendo que esta diferença de idades revela-se também numa diferença de experiências pessoais e profissionais. É importante referir que, apesar desta diferença geracional e de Ana Carrilho já não se encontrar no ativo enquanto jornalista da Rádio Renascença, todas as entrevistadas se encontravam a trabalhar nas respetivas redações durante o período que é estudado neste trabalho.

A pandemia chegou a Portugal em março de 2020, veio sem avisar e alterou completamente a vida e a rotina dos jornalistas. Rute Fonseca afirma que ninguém estava preparado e que “muito rapidamente, **grande parte da redação ficou a trabalhar a partir de casa**”. No entanto, **continuava a existir um “corpo mínimo de apoio”**: nos **estúdios** da TSF no Porto ficaram a trabalhar alguns técnicos e alguns jornalistas, mas a maioria estava em casa. Rita Fernandes, por sua vez, explica que a Antena 1 “funciona por turnos, os dois turnos da manhã, a tarde, a noite e a madrugada”, sendo cada turno dividido em dois grupos. De acordo com Rita, “**durante duas semanas o primeiro grupo assegurava os turnos, vinha trabalhar e passadas essas duas semanas vinha o outro grupo**”. A jovem jornalista acrescenta que os grupos nunca se cruzavam para garantir que, em caso de surto num dos turnos, “havia sempre o outro grupo que estava em casa e que viria assegurar esse turno”. Relativamente à Rádio Renascença, Ana Carrilho diz que **os jornalistas trabalharam em redação enquanto foi possível**, mas

quando foi decretado confinamento, a maior parte começou a trabalhar em casa. No entanto, “houve sempre uma equipa base que se manteve na rádio”. Segundo a jornalista, “em cada turno, tanto em Lisboa como no Porto, havia pelo menos duas pessoas, o editor e um assistente ou um jornalista que dava apoio e depois **tudo o resto era feito à distância**, a partir de casa”.

Quando questionadas acerca da existência de algum tipo de preparação a que pandemia tenha obrigado, as três jornalistas mencionaram uma relacionada com os materiais de trabalho. Rute Fonseca diz que a preparação se resumiu à **garantia de todos terem o material necessário**: de acordo com a jornalista da TSF, “com o nosso gravador, com o cabo certo e com o computador, nós conseguimos fazer rádio em casa”. No início, as entrevistas eram gravadas pelo jornalista em casa, os sons eram enviados para o técnico que estava na redação e nos estúdios, em Lisboa ou no Porto, que os editavam e colocavam no ar. Mais tarde, de acordo com Rute, “o nosso computador estava ligado ao computador do trabalho e, portanto, tínhamos acesso a tudo o que está no computador da rádio. E ainda hoje temos”. Rita Fernandes, jornalista da Antena 1, mencionou que na redação “**as mesas foram todas separadas com acrílicos, com plásticos, havia plásticos nos teclados, as bolas de vento dos microfones desapareceram**”. No fundo, uma vez que nunca estiveram efetivamente em teletrabalho, a preocupação passava por tentar partilhar o mínimo possível o material. Na Renascença, Ana Carrilho garante que “**cada um de nós tinha um gravador, microfone, cabos e usávamos, na maior parte dos casos, os nossos próprios telemóveis**”. A jornalista afirma que o trabalho se desenrolou de uma forma muito simples: os jornalistas gravavam as entrevistas, transferiam o som para o computador e depois enviavam para os estúdios.

Relativamente à questão das alterações relacionadas com a saída em reportagem e com o contacto com as fontes de informação, Rita, Rute e Ana concordam que a pandemia alterou completamente a forma como estas funções se desempenhavam anteriormente. Rute Fonseca refere que “**as deslocações para reportagem eram casos muito excecionais**” e que só se deslocou ao terreno cerca de três meses depois do começo da pandemia. No que toca às fontes, a jornalista da TSF garante que o contacto se dava, na maioria dos casos, através do telemóvel. Por sua vez, Rita Fernandes assegura que “**houve uma diminuição grande do número de saídas durante aquele tempo**” e que, além disso, os próprios jornalistas tinham receio de se deslocar em reportagem e ficarem infetados. Segundo a jornalista da Antena 1, as saídas em reportagem “foram substituídas, por chamadas *Zoom* e chamadas do *Whatsapp*”. Ana Carrilho revela que fez tudo a partir

de casa durante todo o período de confinamento e que não foi “das pessoas que andou a fazer reportagem fora”. A antiga jornalista da Renascença assegura que **os contactos com as fontes eram feitos remotamente através de “contactos via Zoom, via Teams, tudo online”**.

Além das alterações relacionadas com a saída em reportagem e com os contactos com as fontes, Rute destacou “**o facto de passarmos a trabalhar sozinhos**, deixarmos de estar em redação com os colegas, de trocar opiniões, de ter companhia” como outra das alterações que a marcou significativamente. Rita refere que “**não poder sair e não ir ter com as pessoas**”, uma vez que é essencialmente repórter, foi a mudança mais sentida, mas o facto de “**estar sempre fechada**” e também “**o medo de tocar nas coisas**” foram situações que a afetaram durante este período. Por sua vez, Ana destacou que, apesar de ser jornalista há 37 anos, **nunca trabalhou tanto como durante a pandemia**: segundo a jornalista “começava a trabalhar por volta das 9h ou ainda antes e às vezes eu estava aqui na minha secretária até para além das 23h/00h”. Apesar das longas horas de trabalho e desses horários menos convencionais dificultarem a sua vida pessoal e familiar, Ana assegura que os jornalistas da Renascença sentiam que estavam “a cumprir o dever de informar. Mais do que nunca. Se calhar, em alguns casos, em demasia”.

Uma vez que Ana e Rute confidenciaram ter trabalhado em regime de “trabalho à distância”, questionadas sobre se o recurso ao teletrabalho alguma vez dificultou a realização da produção noticiosa ambas concordam que não. Ana Carrilho revela que “**nessa altura toda a gente estava mais disponível para, a qualquer hora do dia ou da noite, falar connosco**”, mesmo pessoas anónimas e desconhecidas. Ana assegura ainda que a reserva de intimidade que uma chamada telefónica ou uma conversa no *Facebook* proporcionam também ajuda a um certo à-vontade por parte das pessoas em falarem com os jornalistas, e que durante a pandemia conseguiu fazer “trabalhos incríveis e muito interessantes” a partir de casa. Por seu turno, Rute Fonseca garante que não sentiu dificuldades porque “**tinha acesso ao computador da redação, tinha acesso a tudo**”, e que existiam “técnicos nos estúdios ou até mesmo em casa que tinham os programas certos e podiam editar e montar as reportagens”, concluindo que, nesse aspeto, não se sentiu limitada.

À pergunta “considera que os jornalistas da sua redação olharam para as novas tecnologias, nomeadamente a Internet e as redes sociais online, com outros olhos?”, as três jornalistas não hesitaram na resposta: “sim, sem dúvida”. A jornalista da TSF assegura que “**as redes sociais passaram a ser uma fonte bem mais importante**,

sobretudo naquela fase inicial da pandemia, em que viemos todos para casa”. Rute afirma que as notícias não podiam parar e que pensaram “dar ao máximo notícias relacionadas com a pandemia, um produto novo que surgia, movimentos solidários que apareciam, projetos de autarquias... e onde é que nós encontramos isso? Nas redes sociais”. A jornalista não esconde que as redes sociais online foram importantes para o trabalho, até porque a ajudaram “a encontrar muita informação e dar a conhecer o trabalho de muitas pessoas que se dedicaram aos outros e a ajudar”. Rita Fernandes diz que, apesar da apreensão e do cuidado que têm com o uso das tecnologias, nomeadamente na questão da fraca qualidade do som, **durante a pandemia a Antena 1 passou “a dar mais valor a essas tecnologias e também a escolher qual das tecnologias é que nos garante melhor qualidade de som”**. Apesar da tenra idade, a jornalista garante que “não utilizava muito recorrentemente as redes sociais” e que só a conheceu o *Skype* e o *Zoom* durante a pandemia. Rita afirma que, apesar de não utilizar redes sociais online até ao período em questão, neste momento continua a utilizar o *Zoom* e o *Whatsapp* para fazer entrevistas “em que eu sei que não posso ir ter com a pessoa” porque “a pessoa é do norte do país ou é de uma ilha”. Ana Carrilho afirma que **“as tecnologias foram importantes”** e deu como exemplo a “questão de podermos assistir e participar em reuniões pelo *Zoom*, por *Teams* e isso ajudou bastante. E as redes sociais também”. Apesar de referir que o aumento da proliferação de *fake news* exigiu uma atenção redobrada, Ana garante que **“através das redes sociais tínhamos acesso a muita informação”** e que “é evidente que foram também importantes na obtenção de alguma informação ou até para chegar a algumas fontes”.

A rádio sempre foi conhecida pela sua rapidez e pela sua forte credibilidade. Num período em que o consumo de informação aumentou exponencialmente, bem como a circulação de notícias falsas, as jornalistas entrevistadas não têm dúvidas em afirmar que essas qualidades do jornalismo radiofónico se mantiveram. Rute Fonseca afirma que **a credibilidade é a base da TSF** e que, apesar de acreditar que “a tentação de ceder para querer ser o primeiro a dar a notícia fosse grande”, nunca foram atrás do sensacionalismo e sempre preferiram “esperar pela confirmação da notícia”. A jornalista refere que existiram dias em que outros órgãos de comunicação tiveram acesso aos dados dos boletins da DGS mais cedo, mas que na TSF “citávamos o órgão concorrente ou esperávamos pela confirmação”. Rita Fernandes **não só acredita que a confiança se manteve como “até saiu reforçada”**. A jornalista informa que a direção da Antena 1 alertou a redação para o “cuidado com os números, cuidado com a quantidade de

informação, cuidado com as histórias que levamos à antena”, de modo a evitar alarmismos numa altura em que “as pessoas já de si estavam assustadas”. Rita menciona ainda que existiram vários programas na Antena 1 que visavam informar os ouvintes de forma clara, sóbria e sem alarmismos desnecessários, e que chegaram à Antena 1 vários relatórios que mencionam precisamente que **“os ouvintes confiaram mais na rádio do que, por exemplo, nas televisões durante a Covid”**. Ana Carrilho garante que “na Renascença, a confirmação dos factos é uma questão de princípio, independentemente de nós querermos dar primeiro”: a jornalista acredita que “mais do que dar primeiro, é importante que se dê informação correta e rigorosa, principalmente numa situação como esta”. A Renascença “sempre se pautou por alguma prudência em relação às notícias” e Ana assegura que “há notícias que nós não púnhamos cá fora sem confirmarmos” e que, no caso de ser mesmo muito importante, “citava-se o órgão de comunicação que tinha dito aquilo, mas ressalvava-se que estávamos a confirmar”: segundo a entrevistada, **“a confirmação dos factos é um princípio que a Renascença sempre teve e que não deixou de pôr em prática durante a pandemia”**.

Um dos objetivos da entrevista passava por perceber quais foram as alterações ao processo de produção noticiosa que as três jornalistas consideram ter ficado como “herança da pandemia”. Rute Fonseca destaca que ganhou **mais independência e autonomia a nível técnico** durante a pandemia: “[vou] sozinha para reportagem, gravo e depois em circunstâncias normais, chego à redação e escrevo, corto os sons com o técnico, gravo com o técnico e vou montar a reportagem com o técnico” e na pandemia “aprendi a montar as peças sozinha, com voz, com som e depois enviava para o técnico que estava num estúdio e dizia “lima só, porque já montei”. Rute afirma que durante este período “apercebemo-nos que podíamos fazer isto tudo sozinhos”. Rita Fernandes acredita que a grande herança passou pelo **uso das redes sociais online**: a jornalista da Antena 1 “antes da pandemia olhava para a rede social como “*the last resource*”, a última tentativa para chegar a alguém”, mas que agora percebeu que “as redes sociais são nossas amigas e conseguimos, hoje em dia, garantir uma qualidade quase tão boa como falar com as pessoas pessoalmente”. Apesar de garantir que “nunca é igual”, Rita explica que “se tivermos atenção, cuidado, explicarmos aos entrevistados e escolhermos bem os equipamentos, essa é a grande herança: fazer entrevistas à distância”. Também Ana Carrilho considera que **a grande herança da pandemia foi o contacto com as fontes à distância**, mesmo quando o trabalho presencial foi retomado, e a proximidade que estes contactos permitem entre jornalistas e fontes independentemente da distância geográfica

que os separe. De acordo com a jornalista, “adquiriu-se o hábito de, nalguns casos, em vez de ir em serviços, se apanhar pela televisão”; “em missões parlamentares, em vez de se ir perder tempo para a Comissão Parlamentar, ficava-se na redação e acompanhávamos no canal do Parlamento” e no momento em que aparecesse “alguma coisa que era extremamente importante, nós podíamos parar a gravação e começar logo a montar”. Segundo a antiga jornalista da Renascença, “se estivéssemos presencialmente no Parlamento não conseguíamos fazer isso. Era muito mais difícil”.

Quando questionadas acerca do papel que antecipam para a tecnologia no jornalismo, Rute destaca que “a tecnologia tem um papel fundamental quer para a própria rádio quer para o jornalismo” e que o futuro passa e passará ainda mais pelas plataformas digitais: de acordo com a jornalista “as pessoas vão no metro, no autocarro e é na Internet que vão procurar informação”, porque “é mais fácil, é inevitável”. Para a jornalista da TSF, a tecnologia “é algo que veio para ficar e que só cresce, não vai desaparecer ou retroceder” e que tem benefícios até para os próprios jornalistas, na medida em que “**é uma ferramenta, uma forma de promovermos o nosso trabalho**” e é, ainda, “**uma forma de chegar a um maior número possível de pessoas em todo o mundo**”. Rita e Ana vão mais longe e tocam no tema do momento: a inteligência artificial: a jornalista da Antena 1 refere que “**não falta muito tempo até nós termos os pivots a serem substituídos por algum tipo de programa, de *software* que vá “lá dentro dizer as notícias**”. Apesar de mostrar algum receio relativamente ao desenvolvimento de *software* cada vez mais inteligente e sofisticado, Rita acredita que quem escreve não vai ser substituído “porque a notícia, a rádio e a reportagem precisam de alguém com sentimentos para as escrever” e “um robô ainda não vai ser capaz de fazer isso”. Ana Carrilho, por sua vez, refere que “**a tecnologia tem cada vez mais um papel importante no jornalismo**”, mas que também se sente apreensiva com o desenvolvimento da inteligência artificial porque “se pode perder alguma essência do jornalismo”. A jornalista explica: “já vemos algumas práticas que não são saudáveis e que não têm nada a ver com a informação de rigor, mas sim com captação de audiências”. Ana acredita que enquanto se vender “sangue” essas práticas vão aumentar e que “muitas das novas gerações são apanhadas por isto”, o que faz com que “os jornalistas mais novos acabem por estar menos preparados para resistir a esse tipo de práticas e para as contestar”. Apesar de saber que as boas práticas do jornalismo são “abordadas durante as licenciaturas e mestrados da área da comunicação”, Ana reforça o seu receio de que “esta busca de audiência, este uso das tecnologias, às vezes de uma forma desenfreada das redes sociais, desvirtue

totalmente o papel do jornalismo” e que o impeça de ter “condições para ser uma atividade séria, que dê informação às pessoas, que forme”. No entanto, não deixa de afirmar que o futuro do jornalismo “já passa e ainda passará mais” pela tecnologia, “mas não se pode perder essa essência”: **“as tecnologias podem ajudar bastante, mas as pessoas continuam a ser essenciais”**.

Em relação à ideia de o constante avanço da tecnologia exigir uma maior literacia digital e um maior nível de conhecimentos tecnológicos aos jornalistas, a resposta é novamente comum: é realmente necessária formação. Rute Fonseca considera que, nesse aspeto, **“as gerações mais novas estão em vantagem**, porque os cursos de Jornalismo já têm essa componente: o digital”, o que não acontecia na altura em que a jornalista estudava: “os primeiros trabalhos que eu fiz na universidade foram na máquina de escrever e, quando me enganava, via-me aflita para corrigir porque aquilo não apagava”, como tal, “nós mais velhos estamos um bocadinho estagnados”. Apesar de ter tido formação na TSF e de saber “escrever para o online”, “pôr a fotografia”, “pôr o áudio”, “se for preciso pôr o vídeo”, Rute revela que o faz num “processo mais lento”. Desta forma, a jornalista acredita que **é necessária mais formação “para não ficarmos para trás”** no futuro. Rita Fernandes também concorda que, apesar de as empresas ainda não estarem nessa fase, “devem começar a pensar em ações de formação”. A jornalista da Antena 1 confia que “na RTP temos ações de formação de falar, escrever, aprender outras línguas, cursos de bem-estar, como saber lidar em equipa”, mas que “com o aparecimento de novos programas e de novos *softwares*, vai ter de haver uma maior preocupação em formar os jornalistas para saberem lidar com estas mudanças”. Rita destaca que **“nós temos uma redação envelhecida”** e que, **durante a pandemia, “era muito clara essa diferença e essa habilidade entre os mais velhos e os mais novos em lidar com as tecnologias”**; os jornalistas mais velhos tinham dificuldades em aceder a plataformas e “só para isso é preciso também uma formação e toda uma ajuda por parte dos mais novos”. Ana Carrilho menciona que “há uma coisa era muito importante que acontecesse nas empresas e nem sempre acontece: formação ao longo da vida”, uma formação que fosse mais além do que simplesmente “atender à estrita necessidade do órgão de comunicação, mas que pudesse ser um pouco mais abrangente”. Ana destaca que **“os jornalistas mais novos já nasceram com computador ou com telemóvel ou com outra tecnologia mais avançada ao seu alcance, enquanto os mais velhos sentem essas dificuldades”**, e que existe uma clara vantagem da “co-existência de jornalistas e de profissionais de comunicação de diversas idades” – enquanto os mais novos têm mais

competências tecnológicas e digitais, os jornalistas mais velhos “têm bastante experiência e essa experiência também é essencial para o trabalho dos mais novos”. Ana Carrilho não tem dúvidas de que “o convívio e o trabalho realizado em conjunto por pessoas de várias idades são de muito maior qualidade” e que todos deviam aproveitar a oportunidade de aprender uns com os outros.

5.3. Conclusão dos estudos de caso

As entrevistas realizadas às três jornalistas da Antena 1, TSF e Rádio Renascença permitem concluir que, apesar da pandemia ter alterado significativamente as suas práticas e rotinas profissionais, a rádio soube responder de forma bastante positiva aos desafios que este período lhe colocou. De certa forma, a sua simplicidade técnica facilitou o trabalho dos profissionais de rádio, tal como as jornalistas referiram ao longo das entrevistas: quer em casa, quer no estúdio ou na redação, um computador, um gravador e um cabo foram suficientes para permitir que o trabalho noticioso fosse assegurado.

No entanto, as duas jornalistas que vivenciaram a realização do trabalho em casa asseguram que não sentiram que o processo de produção noticiosa fosse prejudicado por estas circunstâncias: a jornalista da TSF confia que, através do seu computador pessoal, tinha acesso a todo o material que estava na redação e que, portanto, conseguia fazer o trabalho normalmente, e a antiga jornalista da Rádio Renascença afirma que sentiu que as pessoas tiveram mais tempo e disponibilidade para falar com os jornalistas. Logo, o trabalho conseguiu ser feito, mesmo que não fosse possível realizá-lo da forma habitual.

Apesar de grande parte dos jornalistas ter passado pelo teletrabalho, nem todas as redações em análise entraram neste regime. A Antena 1 é caso disso, mas ainda assim, mesmo não trabalhando a partir de casa, a redação viu-se sujeita a fazer um trabalho à distância, no sentido em que as saídas em reportagem diminuíram abruptamente e os contactos com as fontes de informação não puderam ser realizados presencialmente. Nesse aspeto, a realidade é comum para as três redações. Além das dificuldades que tiveram em relação às saídas em reportagem e ao contacto com as fontes, as entrevistadas apontaram outras alterações que sentiram pessoalmente: a solidão do trabalho, a falta do contacto pessoal com os colegas, o receio de uma possível infeção, o isolamento social, e o aumento significativo do número de horas de trabalho foram algumas das situações referidas.

De forma a ultrapassar os contratempos que a pandemia trouxe consigo, os jornalistas destas redações começaram a recorrer às redes sociais online e a outras plataformas digitais para encontrar informações úteis e até mesmo entrar em contacto com as fontes. A antiga jornalista da Rádio Renascença chega mesmo a considerar que fez reportagens incríveis a partir de casa – como um trabalho que fez em 2021 a propósito do Dia Internacional da Mulher, no qual entrevistou várias senhoras que mudaram de vida durante a pandemia, e que conheceu através do *Facebook*. Neste aspeto, as três entrevistadas concordam em afirmar que os jornalistas das suas redações começaram a olhar para estas plataformas digitais com outros olhos, não só porque é lá que as pessoas estão, mas também porque permitem encontrar informações úteis e muitas histórias de quem se dedicou a ajudar o outro durante este período difícil a nível mundial.

O aumento da independência e da autonomia a nível técnico, o aprender a fazer novas tarefas relacionadas com a montagem e edição do som, e o recurso às redes sociais e os contactos à distância foram as mudanças que as jornalistas mencionaram como a “herança” que a pandemia deixou no jornalismo radiofónico. Se anteriormente o uso de redes sociais online não era recorrente no processo de produção noticiosa, na pandemia ganhou importância ao ponto de ter ficado como prática habitual no presente.

O consumo de notícias durante a pandemia aumentou, e todos queriam estar informados acerca dos dados epidemiológicos diários: no entanto, as jornalistas acreditam que a confiança que as pessoas têm na rádio se manteve – em alguns casos até aumentou – e que a confirmação das notícias se tornou ainda mais imprescindível. Apesar de todos os órgãos de comunicação quererem ser os primeiros a transmitir determinadas informações, estas emissoras de rádio só o faziam depois da confirmação dos dados ou então, em último caso, citavam o órgão concorrente. Mais do que dar as informações de forma rápida, estas redações preocupavam-se e continuam a preocupar-se com a transmissão de informação rigorosa e correta. No caso específico da Antena 1, todos os seus jornalistas foram informados pela direção acerca da importância de transmitir os números corretos, de não informar em excesso e de não criar alarmismos num momento em que o medo já era uma realidade muito presente para as pessoas. Apesar do que se poderia pensar, o jornalismo radiofónico manteve a sua essência e não entrou na via do sensacionalismo e da exploração das emoções.

Ninguém pode prever como será o futuro, muito menos num mundo onde todos os dias surgem avanços tecnológicos, mas as entrevistadas antecipam como poderá ser a relação da tecnologia com o jornalismo. Com uma coisa todas concordam: o futuro do

jornalismo (e não só) passa pela tecnologia; a Internet e as redes sociais online são meios através dos quais as pessoas podem aceder a informações variadas e onde os próprios jornalistas podem dar a conhecer o seu trabalho. Como tal, a jornalista da TSF acredita que é inevitável que a tecnologia se desenvolva cada vez mais. As jornalistas da Antena 1 e da Rádio Renascença, além de concordarem com todos os benefícios dos avanços tecnológicos, mostram-se ligeiramente preocupadas com a Inteligência Artificial: este receio traduz-se numa possível futura perda de efetivos nas redações, apesar de Rita acreditar que o papel das pessoas é muito importante no jornalismo, pois o ser humano tem sentimentos e os robôs ainda não são capazes de os ter. Ana, por sua vez, teme que a inteligência artificial roube a essência ao jornalismo e que o uso “desenfreado” das novas tecnologias e das redes sociais online desvirtue o seu papel, principalmente por parte dos jornalistas mais jovens, que se encontram mais sujeitos e mais tentados a utilizar práticas jornalísticas menos saudáveis, a fim de atingir audiências. Todas concordam que a tecnologia é muito importante, mas que as pessoas o são mais.

Se a noção da importância da tecnologia no jornalismo é comum às três entrevistadas, a necessidade de uma maior literacia digital e de formação a nível tecnológico também o é: nesse aspeto, as jornalistas não se inibem em afirmar que as gerações mais novas estão muito mais preparadas do que as mais antigas porque já nasceram numa era digital, além de aprenderem conceitos e práticas digitais nas suas formações académicas. Apesar de não pertencer à geração mais velha de jornalistas, Rute sente necessidade de formação a nível tecnológico, pois não quer “ficar para trás”. Rita pertence à geração mais nova de jornalistas e, mesmo não sentindo essas dificuldades de forma tão acentuada, também é a favor da formação, principalmente porque admite pertencer a uma redação envelhecida cujos jornalistas sentem muitas dificuldades em realizar tarefas que envolvam qualquer tipo de tecnologia. Ana pertence a uma geração mais antiga de profissionais do jornalismo e, à semelhança de Rita e Rute, acredita que as empresas devem investir em formações ao longo da vida. Além disso, Ana acredita que as redações deveriam compor-se de trabalhadores de diversas idades, uma vez que o conhecimento tecnológico dos mais jovens aliado à experiência dos mais velhos seria uma mais-valia para os jornalistas e para o jornalismo.

Considerações Finais

Não é segredo para os jornalistas e para os estudiosos da área do jornalismo que a pandemia trouxe alterações no modo como se produzem as notícias. Desta forma, ao longo da presente dissertação, procurou-se analisar como as práticas e rotinas de um jornalista de rádio se alteraram no decurso da pandemia, perceber quais as dificuldades consequentes do isolamento vividas por estes profissionais e, ainda, compreender a importância da Internet e das redes sociais online no jornalismo durante este período. Mais do que entender todas estas questões, tornou-se importante perceber quais destas alterações às práticas e rotinas do jornalista de rádio se revelaram positivas ao ponto de se manterem na atualidade.

Além do contexto teórico relacionado com o acontecimento; com o processo de produção noticiosa; com a evolução da história da rádio, e com o “duelo” Internet vs jornalismo radiofónico; no final da primeira parte deste trabalho foi feita uma análise de estudos feitos por investigadores que se interessaram pela influência da pandemia no jornalismo de rádio: Felisbela Lopes *et al.* (2021), Carlos Camponez *et al.* (2020), Luís Bonixe (2021), e Capoano e Teixeira de Barros (2020) foram alguns dos nomes que contribuíram para o avanço deste tema.

No sentido de dar resposta às questões na origem a esta dissertação foram realizados estudos de caso que envolvem as três principais rádios informativas nacionais: a Antena 1, a TSF e a Rádio Renascença. Os estudos de caso resultam de inquéritos por entrevista a três jornalistas: Rita Fernandes, Rute Fonseca e Ana Carrilho. Além disto, foi realizado um inquérito por questionário, não analisado devido ao baixo número de respostas (seis participações). A obtenção de mais respostas poderia ter sido útil para encontrar informações novas e até mesmo pontos de vista diferentes que pudessem levar a novas discussões e conclusões. Apesar da situação, os dados recolhidos neste estudo vão ao encontro dos resultados que outros autores, anteriormente mencionados, encontraram: como tal, considera-se que este contratempo não prejudicou os dados recolhidos através das entrevistas às três jornalistas das redações em análise.

Respondendo à questão “qual foi a influência que a pandemia teve (e ainda tem) no trabalho e na rotina diária dos jornalistas de rádio?”, as entrevistas permitem concluir que a pandemia isolou fisicamente os jornalistas, quer em casa, quer na redação. Aqueles que ficaram em casa, dada a simplicidade técnica da rádio, apenas precisaram de materiais que permitissem o desempenho das suas funções à distância (computador, microfone,

gravador e cabos), e os poucos que se mantiveram nas redações viram as bolas de vento dos microfones desaparecer, acrílicos a separar as mesas, e teclados cobertos com plásticos, de modo a evitar qualquer contaminação. No entanto, a falta de comunicação presencial, o trabalho solitário, o aumento de horas de trabalho, a diminuição do tempo em família, e o receio de uma possível infeção por Covid-19 foram questões sentidas. Atualmente, os jornalistas já regressaram às redações, mas existiram heranças da pandemia que ficaram: o contacto com as fontes à distância, o aumento da independência e autonomia a nível técnico que o trabalho durante a pandemia exigiu aos profissionais de rádio, a noção de que nem sempre as deslocações se justificam e que o uso de outras técnicas de contacto à distância ajuda a poupar tempo, recursos e até mesmo a acelerar o tempo da partilha das informações. Além disso, o uso das redes sociais online também se manteve, quer para contactos, quer para procura de informação.

Relativamente à indagação sobre “quais foram as alterações que a pandemia suscitou nas rotinas de *newsmaking* (produção noticiosa)?”, a resposta é comum: o contacto com as fontes de informação deixou de ser presencial e passou a ser feito à distância, e as saídas em reportagem tornaram-se praticamente inexistentes. Apesar de o trabalho passar a ser feito à distância, os jornalistas não se sentiram limitados nem sentiram dificuldades na realização da produção noticiosa: pelo contrário, o trabalho continuou a ser feito, as pessoas tinham mais tempo livre e mostravam-se mais disponíveis para falar com os jornalistas, o facto de não estarem fisicamente “frente-a-frente” com o jornalista permitiu-lhes um maior à-vontade e, desta forma, o trabalho jornalístico manteve-se. Há mesmo quem relate que conseguiu fazer grandes trabalhos sem sair de casa.

Por fim, tentou responder-se à pergunta “como é que as redes sociais online ajudaram estes profissionais?”. O recurso às redes sociais online acabou por ser um forte contributo para os jornalistas e para o jornalismo durante a pandemia, na medida em que substituiu o contacto presencial com as fontes. Para além do contacto, as redes sociais online passaram a ser vistas como um local onde se poderiam encontrar pessoas e informações: durante a pandemia era através destas plataformas digitais que os jornalistas tinham acesso a histórias, a notícias relacionadas com a pandemia, e a movimentos solidários – os jornalistas devem estar onde as pessoas estão e estas estão cada vez mais nas redes sociais online e na Internet. Até os jornalistas mais jovens revelam que não usavam recorrentemente estas plataformas, mas durante a pandemia revelaram-se úteis e

o seu uso continua a ser imprescindível no presente. Pode confirmar-se, portanto, que as redes sociais online ajudaram e continuam a ajudar os jornalistas.

Se é certo que as novas tecnologias tiveram e continuam a ser um forte contributo para o jornalismo, também se pode prever que o futuro passe por aí: para além de permitirem um acesso a todo o tipo de informações e notícias por parte dos consumidores, a tecnologia é vista como uma ferramenta essencial para os próprios jornalistas e profissionais de rádio. Apesar da preocupação com a possibilidade de a Inteligência Artificial levar a uma perda de efetivos nas redações e da essência do jornalismo, os jornalistas afirmam que a tecnologia é muito importante e sê-lo-á ainda mais, mas que nunca substituirá a necessidade de um jornalismo feito por pessoas com sentimentos e com práticas profissionais rigorosas e sérias.

O futuro passará pela tecnologia: no entanto ainda há um longo caminho a percorrer. As redações portuguesas estão envelhecidas, os jornalistas sentem dificuldades na realização de tarefas simples relacionadas com as novas tecnologias, e há uma enorme necessidade de formação a nível tecnológico, que apesar de existir ainda não é suficiente. Conclui-se, desta forma, que a Internet e as redes sociais online são importantes para o exercício da profissão do jornalista: foram essenciais durante a pandemia e continuam a sê-lo no presente. Resta, no entanto, formar os jornalistas de modo a não deixar “ninguém para trás” num futuro cuja tecnologia será a palavra de ordem.

Referências Bibliográficas

- Amaral, I. (2016). Redes Sociais na Internet: Sociabilidades Emergentes. Livros LabCom. http://www.labcom.ubi.pt/ficheiros/201701311021-201619_redessociais_iamaral.pdf.
- Antunes, E. (2008). Acontecimento, temporalidade e a construção do sentido de atualidade no discurso jornalístico. *Contemporanea*, 6(1), 1-21. <https://periodicos.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/3517/2571>.
- Barbosa, L. (2010). O percurso da rádio: do analógico ao virtual. Trabalho de Investigação. Porto: Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti. <http://hdl.handle.net/20.500.11796/848>.
- Bastos, H., Lima, H., Moutinho, N. & Reis, A. I. (2012). Radio journalists and the Internet: *A study on perceptions*. In M. Oliveira, Portela, P. & Santos, L. A. (Eds.), *Radio Evolution: Conference Proceedings* (pp. 103-115). Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade. <https://hdl.handle.net/10216/73454>.
- Bonixe, L. (2010). A rádio informativa portuguesa na internet: o estado da arte. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, 7(2), 332-341. <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/download/1984-6924.2010v7n2p332/14463/49045>.
- Bonixe, L. (2010b). Usos e desusos da rádio informativa nas redes sociais – o caso da cobertura da visita de Bento XVI. *PRIMA.COM - Revista de Ciências e Tecnologias de Informação e Comunicação*, 12, 136-156. <https://ojs.letras.up.pt/index.php/prismacom/article/view/2017/3013>.
- Bonixe, L. (2011). Jornalismo radiofónico e Internet – Um estudo da evolução do uso das potencialidades online nas notícias dos sites da rádio. *Comunicação E Sociedade*, 20, 29–42. [https://doi.org/10.17231/comsoc.20\(2011\).881](https://doi.org/10.17231/comsoc.20(2011).881).

- Bonixe, L. (2015). Políticas, práticas e narrativas do jornalismo radiofónico português na Web. In M. Oliveira & F. Ribeiro (Eds.), *Radio, Sound and Internet* (pp. 323-333). Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade. http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/cecs_ebooks/article/view/2187/2104.
- Bonixe, L. (2021). Resiliência e crise – a rádio portuguesa na pandemia do novo coronavírus. *Estudos em Comunicação*, 32, 69-93. DOI: 10.25768/21.04.03.32.04.
- Briefing (2017). Há mais Renascença na SIC, e vice-versa. Briefing. Consultado a 3 de janeiro de 2023 em <https://www.briefing.pt/media-br/39084-ha-mais-renascenca-na-sic-e-vice-versa.html>.
- Camponez, C., Miranda, J., Fidalgo, J. Garcia, J. L., Matos, J. N., Oliveira, M., Martins, P. & Silva, P. A. (2020). Estudo sobre os Efeitos do Estado de Emergência no Jornalismo no Contexto da Pandemia Covid-19. Relatório. Lisboa: Sopcom. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10451/44291>.
- Candeias, A. & Simões, E. (1999). Alfabetização e Escola em Portugal no Século XX: Censos Nacionais e Estudos de Caso. *Análise Psicológica*, 17 (1), pp. 163-194. <http://hdl.handle.net/10400.12/5867>.
- Candeias, A. (2003). A Primeira República Portuguesa (1910-1926): educação, ruptura e continuidade, um balanço crítico. In E. C. Martins (Eds.), *V Encontro Ibérico de História da Educação*. (pp. 161-192). Alma Azul. <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/14999.pdf>.
- Capoano, E. & Teixeira de Barros, V. (2020). Jovem, dedicado, confinado e prejudicado: perfis, rotinas e processos jornalísticos durante a pandemia de Covid-19. *Revista Pauta Geral - Estudos em Jornalismo*, 7, 1-15. <https://revistas.uepg.br/index.php/pauta/article/view/17267/209209214038>.
- Cardoso, G., Baldi, V., Quintanilha, T., & Paisana, M. (2020). Impacto do Coronavirus e da crise pandémica no sistema mediático português e global – Versão II. Obercom.

https://obercom.pt/wp-content/uploads/2020/05/Covid_impacto_update_FINAL.pdf.

Cardoso, G., Baldi, V., Quintanilha, T., & Paisana, M. (2021) Impacto do Coronavírus e da crise pandémica no sistema mediático português e global – Versão III. Obercom. https://obercom.pt/wp-content/uploads/2021/02/Covid_III_FINAL.pdf.

Cordeiro, P. (2004). Rádio e Internet: Novas Perspectivas para um Velho Meio. II Congresso Ibérico de Comunicação, Covilhã. Disponível em <http://bocc.ufp.pt/pag/cordeiro-paula-radio-internet-novas-perspectivas.pdf> [consultado a 2 de janeiro de 2023].

Correia, E. (2011). Para uma compreensão do acontecimento na imprensa. *Intercom*, 34(2), 302-305. <https://doi.org/10.1590/S1809-58442011000200018>.

Correia, J. C. (2011). O admirável mundo das notícias: teorias e métodos. Livros LabCom. https://labcom.ubi.pt/ficheiros/20110524-correia_manual_noticial.pdf.

Dias, A. (2011). Pensar o acontecimento: jornalismo, temporalidade e narrativa em uma perspectiva histórica. *Revista Verso e Reverso*, 25(60), 172-182. <https://doi.org/10.4013/ver.2011.25.60.04>.

Fernandes, B. (2011). A Teoria Clássica do Gatekeeper e do Newsmaking na Rádio: O caso da RDP. [Relatório de Estágio de Mestrado, Universidade da Beira Interior]. Repositório Digital da Universidade da Beira Interior. <http://hdl.handle.net/10400.6/1311>.

França, V. & Almeida, R. (2008). O acontecimento e seus públicos: um estudo de caso. *Contemporanea*, 6 (2). DOI: <https://doi.org/10.9771/contemporanea.v6i2.3535>.

França, V. (2012). O acontecimento e a mídia. *Galáxia*, (24), 10-21. <https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/12939/9406>.

- Góis, A. R. B. (2021). A adaptação da rádio informativa à pandemia: o caso da Antena 1. [Relatório de estágio de mestrado, Escola Superior de Comunicação Social]. Repositório Científico do Instituto Politécnico de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10400.21/14191>.
- Henriques, C. M. M. (2023). Rádio, uma história pouco sonora: o projeto jornalístico do Rádio Clube Português dos anos 1960-1970. [Tese de Doutoramento, Universidade do Minho]. RepositóriUM. <https://hdl.handle.net/1822/83719>.
- Laignier, P. (2009). Por uma teoria do jornalismo: Muniz Sodré em busca dos elementos que compõem o acontecimento midiático. *MATRIZES*, 3(1), 233-240. <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=143012785013>.
- Leal, A. R. A. (2019). A importância da rádio na revolução de Abril de 1974. *Língua Afiada*. <https://www.linguafiada.info/a-importancia-da-radio-na-revolucao-de-abril-de-1974/>.
- Lobo, L. (1970). O que faz do acontecimento a “notícia”? — notas para uma teoria da produção de “notícias.” *Análise Social*, 8(30/31), 513–519. <http://www.jstor.org/stable/41008379>.
- Lopes, F., Santos, C. A., Peixinho, A. T., Magalhães, O. E., & Araújo, R. (2021). Covid-19: uma pandemia que reconfigura o jornalismo?. *Media & Jornalismo*, 21(39), 57-75. https://doi.org/10.14195/2183-5462_39_3.
- Lopes, S. (2021). A Tomada de Decisão Editorial no Fórum TSF. [Relatório de Estágio de Mestrado, Escola Superior de Comunicação Social]. Repositório Científico do Instituto Politécnico de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10400.21/13981>.
- Marketeer (2021). Há cada vez mais portugueses a ouvir rádio... pela Internet. Consultado a 17 de janeiro de 2023 em <https://marketeer.sapo.pt/ha-cada-vez-mais-portugueses-a-ouvir-radio-pela-internet>.

- Marktest (2021). Aumenta consumo de rádio em casa. Grupo Marktest. Consultado a 3 de janeiro de 2023 em <https://www.marktest.com/wap/a/n/id~27ee.aspx>.
- Marktest (2023). 3,5 milhões de portugueses ouvem rádio pela internet. Consultado a 17 de janeiro de 2023 em <https://www.marktest.com/wap/a/n/id~295a.aspx>.
- Meneses, J. P. (2010). A rádio em crise antes da crise provocada pela Internet. *Observatorio (OBS*)*, 4 (1). <https://doi.org/10.15847/obsOBS412010334>.
- Meneses, J. P. (2016). *Jornalismo Radiofónico*. CECS - Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade - Universidade do Minho. <https://hdl.handle.net/1822/43887>.
- Miranda, E. (2019). *O newsmaking da Rádio Renascença: a influência da Igreja Católica nos critérios de noticiabilidade*. [Relatório de Estágio de Mestrado, Instituto de Ciências Sociais]. RepositóriUM. <https://hdl.handle.net/1822/64567>.
- Miranda, J., Fidalgo, J., & Martins, P. (2021). Jornalistas em Tempo de Pandemia: Novas Rotinas Profissionais, Novos Desafios Éticos. *Comunicação E Sociedade*, 39, 287–307. [https://doi.org/10.17231/comsoc.39\(2021\).3176](https://doi.org/10.17231/comsoc.39(2021).3176).
- Moraes Junior, E., & Antonioli, M. E. (2016). Jornalismo e Newsmaking no século XXI: novas formas de produção jornalística no cenário online. *Revista Alterjor*, 14(2), 43-52. <https://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/121436>.
- Mustafá, I. (2014). *O Uso Político do Rádio pelos Ditadores Getúlio Vargas (Brasil) e António de Oliveira Salazar (Portugal) no período de 1930-1945*. [Tese de Doutoramento, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul]. Repositório Institucional da PUCRS. <http://hdl.handle.net/10923/7113>.
- Prata, N. (2008). *Webradio: novos géneros, novas formas de interação*. [Tese de Doutoramento, Universidade Federal de Minas Gerais]. Repositório Institucional UFMG. <http://hdl.handle.net/1843/AIRR-7DDJD8>.

- Quivy, R. & Campenhoudt, L. V. (1998). Manual de Investigação em Ciências Sociais. Lisboa, Gradiva.
- Recuero, R. (2009). Redes Sociais na Internet. Sulina.
https://www.researchgate.net/profile/Raquel-Recuero/publication/259328435_Red_Sociais_na_Internet/links/0c96052b036ed28f4d000000/Redes-Sociais-na-Internet.pdf.
- Recuero, R. (2009b). Redes Sociais na Internet, Difusão de Informação e Jornalismo: Elementos para discussão. *Metamorfoses jornalísticas*, (2), 37-55.
<http://www.raquelrecuero.com/artigos/artigoredesjornalismorecuero.pdf>.
- Reis, A. I. (2011). A reconfiguração da temporalidade da rádio na era da Internet. *Comunicação e Sociedade*, 20, 13-28.
<https://revistacomsoc.pt/index.php/revistacomsoc/issue/view/84/fullissue20>.
- Ribeiro, N. (2010). A emergência da rádio e a vulgarização do entretenimento no lar. *Comunicação & Cultura*, (10), 115-131.
<https://doi.org/10.34632/comunicacaoecultura.2010.548>.
- Rodero, E. (2020). La radio: el medio que mejor se comporta en las crisis. Hábitos de escucha, consumo y percepción de los oyentes de radio durante el confinamiento por el Covid-19. *El profesional de la información*, 29 (3).
<https://doi.org/10.3145/epi.2020.may.06>.
- RTP Ensina (2011). O nascimento da Emissora Nacional. RTP Ensina.
<https://ensina.rtp.pt/artigo/emissora-nacional/>.
- RTP Ensina (2013). O 25 de Abril em ondas de rádio. RTP Ensina.
<https://ensina.rtp.pt/artigo/o-25-de-abril-em-ondas-de-radio/>.
- Silva, C. (2015). A rádio na vida dos cidadãos: estudo do papel das rádios locais. [Relatório de Estágio de Mestrado, Escola Sociologia e Políticas Públicas].

Repositório Científico do Instituto Universitário de Lisboa.
<http://hdl.handle.net/10071/20073>.

Silva, M. S. (2012). O Acontecimento e a Atividade Jornalística. *Anagrama*, 5(3), 1-12.
<https://doi.org/10.11606/issn.1982-1689.anagrama.2012.35643>.

Silva, R. (2019). Rádio e Internet: O Papel das Redes Sociais na Produção Radiofónica. [Dissertação de Mestrado, Instituto Universitário de Lisboa]. RepositóriUM.
<https://hdl.handle.net/1822/40761>.

Silva, G. R. (2021). O impacto da pandemia de Covid-19 na rotina jornalística do Público. [Relatório de Estágio de Mestrado, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas].
Repositório Científico da Universidade Nova de Lisboa.
<http://hdl.handle.net/10362/118950>.

Siqueira, F., Dias, G. & Bandeira, J. (2020). Telejornalismo e pandemia: as mudanças nas rotinas produtivas na redação da TVCorreio. In F. Siqueira & P. Monteiro (orgs.), *Jornalismo em tempos de pandemia: reconfigurações na TV e na Internet* (pp. 144-186). Editora UFPB.
<http://www.editora.ufpb.br/sistema/press5/index.php/UFPB/catalog/view/876/820/6610-1>.

Traquina, N. (2005). Teorias do Jornalismo. Porque é que as Notícias são como são, Florianópolis: Insular.

TSF (2012). Rádio foi «factor fundamental para o êxito do 25 de Abril», frisa Oteló. TSF Rádio Notícias. <https://www.tsf.pt/vida/radio-foi-factor-fundamental-para-o-exito-do-25-de-abril-frisa-otelo-2301645.html>.

Viera, J., Silva, M. D., Domingos, N. & Moreira, P. R. (2010). A nossa telefonia: 75 anos de rádio pública em Portugal. Tinta-da-China.

Vieira Júnior, R. (2015). *Laclau e Badiou: acontecimento e simulacro* [Comunicação oral]. FURG, Rio Grande, Brasil.
<https://wp.ufpel.edu.br/legadolaclau/files/2015/07/roberto-junior.pdf>.

Wolf, M. (1994). *Teorias da Comunicação*. Lisboa, Editorial Presença.

Anexos

ANEXO 1: Guião genérico das entrevistas

Questões:

1. Existiu algum tipo de preparação para a realização do vosso trabalho nas circunstâncias particulares impostas pela pandemia?
2. Estudos apontam que o contacto com as fontes de informação e a deslocação em reportagem se alteraram neste período. Qual foi a sua experiência?
3. Além destas, existiu mais alguma mudança significativa?
4. O recurso ao teletrabalho alguma vez dificultou a realização da produção noticiosa?
5. Considera que os jornalistas da sua redação olharam para as novas tecnologias, nomeadamente a internet e as redes sociais online, com outros olhos?
6. Considera que as qualidades do jornalismo de rádio, como é o caso da rapidez e da credibilidade, se mantiveram durante a pandemia? Ou tornou-se mais difícil mantê-las?
7. Que alterações ao processo de produção noticiosa ficaram como herança da pandemia?
8. Que papel antecipa para a tecnologia no jornalismo?
9. Este avanço constante da tecnologia exigirá uma maior literacia e um maior nível de conhecimentos técnicos por parte dos jornalistas?

ANEXO 2: Entrevista a Rute Fonseca – Jornalista da TSF (Porto)

P: Existiu algum tipo de preparação para a realização do vosso trabalho nas circunstâncias particulares impostas pela pandemia?

R: Numa primeira fase ninguém estava preparado. Mas, muito rapidamente, grande parte da redação ficou a trabalhar a partir de casa. Tínhamos todos material de reportagem: com o nosso gravador, com o cabo certo e com o computador, nós conseguimos fazer rádio em casa. Percebemos que podíamos gravar as entrevistas e enviar os sons por e-mail para o técnico que estava na redação e nos estúdios, em Lisboa ou no Porto, para eles depois trabalharem e colocarem no ar. Porque os noticiários estiveram sempre a ser realizados na rádio, nos estúdios. Havia lá um corpo mínimo de apoio, havia várias equipas a trabalhar, dependendo dos turnos, dos horários de edição e depois o resto dos jornalistas estavam em casa. A preparação passou por todos termos material. Numa primeira fase com o gravador e com o computador e depois, mais à frente, o nosso computador estava ligado ao computador do trabalho e, portanto, tínhamos acesso a tudo o que está no computador da rádio. E ainda hoje temos.

P: Estudos apontam que o contacto com as fontes de informação e a deslocação em reportagem se alteraram neste período. Qual foi a sua experiência?

R: Só dois ou três meses depois do começo da pandemia é que saí pela primeira vez em reportagem. Mas no caso da rádio conseguimos fazer praticamente tudo por telefone (contacto com as fontes). A reportagem não, mas a maior parte dos trabalhos foi via telefone. As deslocações para reportagem eram casos muito excecionais.

P: Além destas, existiu mais alguma mudança significativa?

R: O facto de passarmos a trabalhar sozinhos, deixarmos de estar em redação com os colegas, de trocar opiniões, de ter companhia. Nós trabalhamos em equipa, discutimos ideias e passámos a trabalhar sozinhos, a ter de fazer tudo sozinhos. Mas também se aprendeu muita coisa.

P: O recurso ao teletrabalho alguma vez dificultou a realização da produção noticiosa?

R: No meu caso, eu acho que não. Porque como eu tinha acesso ao computador da redação, tinha acesso a tudo. Tudo o que eu tenho no trabalho, eu tinha em casa. Tinha técnicos nos estúdios ou até mesmo em casa que tinham os programas certos e podiam editar e montar as reportagens. Nesse aspeto, eu não me senti limitada. Agora as reportagens de ir para a rua, ter contacto com pessoas, estar a gravar os barulhinhos, que é o que faz a rádio ganhar olhos, isso aí não. Admito que nós próprios já tínhamos receio de ir.

P: Considera que os jornalistas da sua redação olharam para as novas tecnologias, nomeadamente a internet e as redes sociais online, com outros olhos?

R: Sem dúvida. As redes sociais passaram a ser uma fonte bem mais importante, sobretudo naquela fase inicial da pandemia, a partir de 13 de março de 2020, em que viemos todos para casa. Nós tínhamos de ter notícias na mesma e pensávamos dar ao máximo notícias relacionadas com a pandemia, seja um produto novo que surgia, movimentos solidários que apareciam, projetos de autarquias... e onde é que nós encontramos isso? Nas redes sociais, através de buscas na Internet porque não estávamos na rua, então limitávamo-nos ao que aparecia no online. E aí, sim, foi muito importante para o nosso trabalho. Até porque nos ajudou a encontrar muita informação e dar a conhecer o trabalho de muitas pessoas que se dedicaram aos outros e a ajudar.

P: Considera que as qualidades do jornalismo de rádio, como é o caso da rapidez e da credibilidade, se mantiveram durante a pandemia? Ou tornou-se mais difícil mantê-las?

R: Eu trabalho numa rádio que sempre teve (credibilidade), faz parte do ADN da rádio, nós temos noticiários de meia em meia hora. Quando há alguma informação de última hora, quebramos a antena ou o programa, interrompemos e damos a informação. Portanto, nesse aspeto nunca fomos atrás do sensacionalismo. Preferimos sempre esperar pela confirmação da notícia e só depois dávamos. Lembro-me, na altura, dos boletins da DGS com a atualização dos mortos, internados, os dados geográficos e nós esperávamos

sempre por essa confirmação. Havia dias em que alguns órgãos de comunicação social tinham acesso mais cedo a essas informações, mas nós mesmo assim, ou citávamos o órgão concorrente ou esperávamos pela confirmação. Acredito que a tentação de ceder para querer ser o primeiro a dar a notícia fosse grande, mas na TSF não. A credibilidade é a base desta rádio: confirmamos e depois damos (a informação).

P: Que alterações ao processo de produção noticiosa ficaram como herança da pandemia?

R: Na rádio o nosso trabalho pode ser um bocadinho solitário porque vamos sozinhos para o terreno. Eu não tenho fotógrafo, não tenho câmara, eu vou sozinha para uma reportagem, gravo e depois, em circunstâncias normais, chego à redação e escrevo, corto os sons com o técnico, gravo com o técnico e vou montar a reportagem com o técnico. Na pandemia não. Apercebemo-nos que podíamos fazer isto tudo sozinhos. Na pandemia aprendi a montar as peças sozinha, com voz, com som e depois enviava para o técnico que estava num estúdio e dizia “lima só, porque já montei. Arruma só os sons, vê se os volumes estão a bater certo”. Nesse aspeto acho que mudou. Ainda hoje. Nós aqui na TSF estamos nuns estúdios novos, há 1 estúdio, mas ainda temos algumas limitações relativamente aos 3 estúdios que tínhamos anteriormente. Às vezes esse estúdio está ocupado, então aprendi na pandemia a pegar e gravar com o meu telemóvel. E nesse aspeto mudou porque percebemos que podemos ser ainda mais independentes e autónomos.

P: Continuam a recorrer às novas tecnologias, principalmente às redes sociais online, para a realização do trabalho jornalístico?

R: Sim, procuro muitas vezes novas informações. Por exemplo, sigo o *Facebook*, o *LinkedIn*, o *Twitter* e procuro no *Google*: câmaras municipais, associações, etc. Porque normalmente as pessoas quando têm algum projeto novo publicam-no. Às vezes basta lembrar-me de um tema e pensar “deixa lá ver se me aparece alguma coisa”, nem sempre aparece, mas sim continua a ser um mecanismo que utilizo para procurar informações novas ou que possam ser interessantes.

P: Que papel antecipa para a tecnologia no jornalismo?

R: A tecnologia tem um papel fundamental quer para a própria rádio quer para o jornalismo. O futuro passa muito pelos *websites* e acredito que o analógico, a rádio como a ouvimos, o papel, o jornal, não vão desaparecer nunca, mas os *websites* e a Internet cada vez ocupam mais espaço. É mais fácil. As pessoas vão no metro, no autocarro e é aí (Internet) que vão procurar informação. É inevitável e, quer queiramos quer não, o futuro passa por aí. Se calhar daqui a cinco anos, os *websites* vão ser uma coisa completamente diferente, mas sim é algo que veio para ficar e que só cresce, não vai desaparecer ou retroceder. E mesmo para nós (jornalistas), até porque para nós também é uma ferramenta e é uma forma de promovermos o nosso trabalho. A TSF tem página de *Facebook*, de *LinkedIn*, de *Twitter*, etc. É uma forma de nos darmos a conhecer e de chegar a um maior número possível de pessoas em todo o mundo.

P: Este avanço constante da tecnologia exigirá aos jornalistas uma maior literacia e um maior nível de conhecimentos técnicos?

R: Sim. Aí as gerações mais novas estão em vantagem, porque os cursos de Jornalismo já têm essa componente: o digital. No tempo em que eu tirei o meu curso na Escola Superior de Jornalismo, há bastantes anos, não tínhamos. Eu tinha um computador há pouco tempo. Eu lembro-me que os primeiros trabalhos que eu fiz na universidade foram na máquina de escrever e, quando me enganava, via-me aflita para corrigir porque aquilo não apagava, tinha de fazer um tracinho por cima. Nós mais velhos estamos um bocadinho estagnados nesse aspeto. Eu sei porque tive formação aqui na rádio. Sou eu que escrevo as notícias para o *website* da TSF. Sei escrever para o online, sei pôr a fotografia, sei pôr o áudio, se for preciso sei pôr o vídeo, mas com um processo mais lento. Nesse aspeto acho que é preciso um bocadinho mais (de conhecimentos técnicos) para não ficarmos para trás porque é por aí que passa (o futuro).

ANEXO 3: Entrevista a Rita Fernandes – Jornalista da Antena 1

P: Existiu algum tipo de preparação para a realização do vosso trabalho nas circunstâncias particulares impostas pela pandemia?

R: Existiu uma preparação tanto pessoal e individual de cada jornalista, mas também a própria direção da rádio fez essa preparação. Houve todo um planeamento de como é que as equipas iriam funcionar durante esse período. Por exemplo, a redação foi toda para casa numa primeira fase e nós fomos desfasados. Aqui a rádio funciona por turnos, os dois turnos da manhã: manhã 1, das 5h da manhã até às 10h e a manhã dois; a tarde, a noite e a madrugada e cada turno foi dividido em dois grupos que nunca se cruzavam. Durante duas semanas, o primeiro grupo assegurava os turnos, vinha trabalhar, ou seja, nós nunca ficámos efetivamente em teletrabalho e passado essas duas semanas vinha o outro grupo trabalhar. Nunca nos cruzávamos. No caso de haver algum surto num dos turnos, havia sempre o outro grupo que estava em casa e que viria assegurar esse turno. O que acontecia na RTP, como grupo, era quando havia contacto com uma pessoa positiva suspeita, tinhas de ficar em casa até teres um resultado negativo. Numa primeira fase era assim. Depois começaram a aliviar as medidas e nós vínhamos trabalhar com máscara, mas naquela primeira fase, quando havia uma suspeita tu ficavas em casa e então, para prevenir isso, houve essa preparação de: “ok vamos ter de começar a dividir pessoas”. Entretanto, em termos de materiais, as mesas foram todas separadas com acrílicos, com plásticos, havia plásticos nos teclados, as bolas de vento dos microfones desapareceram. Em termos de preparação, houve efetivamente essa preparação de perceber que estávamos numa pandemia e durante uns tempos não poderíamos trabalhar da forma normal com que trabalhávamos até então. Vamos ter de dividir pessoas, vamos ter de partilhar o menos possível o material, embora tenha sido uma situação que chegou para todos nós de repente, mas houve essa preparação e era inevitável. Não podíamos continuar a trabalhar como estávamos.

P: Estudos apontam que o contacto com as fontes de informação e a deslocação em reportagem se alteraram neste período. Qual foi a sua experiência?

R: Alteraram bastante. Nos primeiros tempos deixámos de sair completamente. Eu acho que posso dizer que aqui na redação, só uma pessoa é que eu me lembro de sair em

reportagem naqueles tempos. Havia muito receio, os próprios jornalistas... nós não éramos proibidos de sair, nunca fomos, a reportagem é essencial no jornalismo e na rádio. Nunca fomos proibidos e nunca recebemos indicações de “não é para sair”, mas obviamente que houve uma diminuição grande do número de saídas durante aquele tempo. Fazia-se muito menos reportagem, quando se fazia era com muito cuidado. Houve pessoas que até ficaram infetadas depois de irem fazer alguma reportagem presencial. É natural. E essas saídas à rua foram substituídas, lá está, por chamadas *Zoom*, chamadas do *Whatsapp*, houve uma grande mudança.

P: Além destas, existiu mais alguma mudança significativa?

R: Eu sou essencialmente repórter, também faço trabalho de redação, mas vou muitas vezes para rua e essa foi mesmo a maior mudança. De repente, acabaram as reportagens, as pessoas não queriam dar entrevistas, nós não podíamos ir fazer aquelas reportagens que fazemos: há sempre uma greve no metro, há sempre uma manifestação de polícias, há sempre escolas... e isso acabou por completo, portanto a mim pessoalmente foi o que me afetou mais, estar aqui sempre fechada e também o medo de tocar nas coisas. Nós trabalhamos numa redação que não tem lugares marcados, sai uma pessoa e nós sentamos no computador que estiver livre. Portanto essas rotinas de trabalho também se alteraram todas. Havia muito medo de tocar nos objetos, sendo um local rotativo, mas o que mais me impactou foi mesmo esse não poder sair e não ir ter com as pessoas.

P: Considera que os jornalistas da sua redação olharam para as novas tecnologias, nomeadamente a internet e as redes sociais online, com outros olhos?

R: Sim, sem dúvida. Aqui na rádio nós costumamos ter muita apreensão e muito cuidado com o uso das tecnologias por uma razão simples e que as pessoas compreendem: falar com uma pessoa ao vivo não tem a mesma qualidade do que falar com uma pessoa pelo telefone ou pelo *Whatsapp*. O ideal sempre numa rádio, em que não há imagem, é que o som seja o mais cristalino possível. É obvio que nós temos sempre muito cuidado com o uso das chamadas, telefones, redes sociais e etc., mas com a pandemia isso tornou-se inevitável, portanto houve uma grande volta nesse sentido, porque a Antena 1 é das rádios, senão a rádio, que tem mais cuidado com essa parte estética, a parte do som. Sempre que temos um som com má qualidade ficamos mesmo muito chateados e então começámos a

ter cada vez mais atenção. Eu própria, sendo uma pessoa nova ainda na idade dos 20 aos 30 anos, não utilizava muito recorrentemente as redes sociais. Por exemplo, o *Skype* ou o *Zoom*... eu só fiquei a conhecer o *Zoom* durante a pandemia. Não usava de todo aqui na rádio e agora, mesmo depois da pandemia ter passado, continuo a utilizar o *Zoom* e a utilizar o *Whatsapp* para fazer entrevistas em que eu sei que não posso ir ter com a pessoa, a pessoa é do norte do país ou é de uma ilha e, portanto, sim, houve uma grande mudança. Passámos a dar mais valor a essas tecnologias e também a escolher qual das tecnologias é que nos garante melhor qualidade de som.

P: E em relação à procura de informações e histórias? Utilizaram mais as redes sociais e a Internet para esse fim?

R: Não, foi igual. A Internet é mesmo uma das nossas maiores bases de trabalho. É obvio que o sair à rua e ir ter com as pessoas é sempre uma boa fonte de histórias, porque quando tu saís à rua ouves sempre alguém que sabe de outra história ou que sabe de outra pessoa que está em dificuldades... é uma grande ajuda, mas a Internet, os *websites* internacionais são uma grande fonte de trabalho e continuam a ser. Nós antes da pandemia usávamos e recorriámos à Internet da mesma forma como recorriámos durante a pandemia.

P: Considera que as qualidades do jornalismo de rádio, como é o caso da rapidez e da credibilidade, se mantiveram durante a pandemia? Ou tornou-se mais difícil mantê-las?

R: Eu acho que até saiu reforçada. Eu acho que a confiança e essa precisão nos dados até saiu reforçada, porque aqui na Antena 1, aí sim tivemos indicações específicas por parte da direção de “cuidado com os números, cuidado com a quantidade de informação, cuidado com as histórias que levamos à antena”, porque estávamos a viver uma altura muito específica e as pessoas já de si estavam assustadas. Foi um evento único nas nossas vidas e, portanto, tivemos de ser muito precisos a dar os dados, não podíamos cair em alarmismos, tínhamos de ser sóbrios e de saber que as pessoas acabam por ser influenciadas e o estado de espírito delas acaba por ser influenciado com aquilo que nós transmitimos. E aliás, durante aquele tempo, existiram na Antena 1 vários programas relacionados com o tema, tivemos uma rubrica que todos os dias passava que era só um boletim: o boletim da Covid. Era um jornalista que ficou responsável por esse conteúdo,

em que era tudo muito certinho, os números muito certinhos, atualizados, sem alarmismos e, portanto, eu acho que até saiu reforçada essa confiança que as pessoas podem ter na rádio e houve vários relatórios que nos chegaram de que os ouvintes confiaram mais na rádio do que, por exemplo, nas televisões durante a Covid.

P: Que alterações ao processo de produção noticiosa ficaram como herança da pandemia?

R: Essencialmente o uso das redes sociais. Antes da pandemia olhava para a rede social como “*the last resource*”, a última tentativa para chegar a alguém. Era sempre por contacto telefónico ou “alguém que conhece alguém que conhece alguém que conhece a pessoa” e essa eu acho que é a grande herança da pandemia. As redes sociais são nossas amigas e conseguimos quase, hoje em dia, garantir uma qualidade quase tão boa como falar com as pessoas pessoalmente. Nunca é igual, mas se tivermos atenção, cuidado, explicarmos aos entrevistados e escolhermos bem os equipamentos, essa é a grande herança: fazer entrevistas à distância.

P: Que papel antecipa para a tecnologia no jornalismo?

R: Agora tem-se falado muito na inteligência artificial e eu acho que não falta muito tempo até nós termos, por exemplo, os pivots das notícias, quem dá a cara pelas notícias, a serem substituídos por algum tipo de programa, de *software* que vá “lá dentro” dizer as notícias. Portanto, nós escrevemos e acho que esse papel ainda não vai ser substituído porque a notícia, a rádio e a reportagem precisam de alguém com sentimentos para as escrever, um robô ainda não vai ser capaz de fazer isso. E mesmo *softwares* de programação, portanto, a parte da animação, a pessoa que passa as músicas, que diz as notícias, etc., eu acho que esses *softwares* que eles utilizam vão ser cada vez mais sofisticados e inteligentes.

P: Este avanço constante da tecnologia exigirá aos jornalistas uma maior literacia e um maior nível de conhecimentos técnicos?

R: Acho que sim. As empresas ainda não estão nessa fase, eu acho, mas devem começar a pensar em ações de formação. Por exemplo, nós aqui na RTP temos ações de formação

de falar, escrever, aprender outras línguas, cursos de bem-estar, como saber lidar em equipa, todas essas técnicas, mas sim. Eventualmente, com o aparecimento de novos programas e de novos *softwares*, claramente vai ter de haver uma maior preocupação por parte das administrações e das direções em formar os jornalistas para saberem lidar com estas mudanças.

P: Considera que durante a pandemia e conseqüente do maior uso das novas tecnologias, os jornalistas mais novos estiveram em vantagem em relação aos jornalistas mais velhos?

R: Sim, sem dúvida. Eu vejo aqui pela redação, nós temos uma redação envelhecida. Agora nos últimos dois ou três anos começaram a entrar pessoas mais jovens, mas globalmente somos uma redação envelhecida e era muito clara essa diferença e essa habilidade entre os mais velhos e os mais novos em lidar com as tecnologias. Iniciar sessão num *website* é uma tarefa que era quase impossível, eles não sabiam. Estou a falar do básico. Aqui na redação, para além de sermos jornalistas, estamos também responsáveis por publicar os nossos programas em podcast, o que implica acedermos a várias plataformas. Só para isso é preciso também uma formação e toda uma ajuda por parte dos mais novos.

ANEXO 4: Entrevista a Ana Carrilho – Jornalista da Rádio Renascença

P: Existiu algum tipo de preparação para a realização do vosso trabalho nas circunstâncias particulares impostas pela pandemia?

R: Posso-lhe dizer que basicamente não existiu preparação nenhuma, nós fomos apanhados de surpresa. Nós fomos dando notícias, desde 2019, em relação ao que se passava na China, depois o Covid começou a alastrar e rapidamente a Itália começou a ser o primeiro país europeu a ter problemas. Nós fomos trabalhando na redação enquanto foi possível e só quando foi determinado o confinamento é que começámos a trabalhar em casa. E mesmo assim não foi toda a gente, houve sempre uma equipa base que se manteve na rádio e essas pessoas acabavam por ter algumas condições de mobilidade que lhes permitiam não ter de andar em transportes públicos e não estarem mais sujeitas a algum tipo de contaminação. Digamos que, em cada turno, tanto em Lisboa como no Porto, havia pelo menos duas pessoas, o editor e um assistente ou um jornalista que dava apoio e depois tudo o resto era feito à distância, a partir de casa. E como é que trabalhávamos? Da maneira mais básica. Para já, havia imensa coisa a decorrer online: reuniões, conferências... e nós assistíamos através dos nossos próprios computadores, gravávamos no sistema do *Audacity*, montávamos aquilo que achávamos que era importante, mandávamos os sons para a rádio por e-mail e quando era necessário também fazíamos peças de voz. Como é que fazíamos? Cada um de nós tinha um gravador, microfone, cabos e usávamos, na maior parte dos casos, os nossos próprios telemóveis. Apenas tivemos de adquirir um cabo de ligação que conectasse o nosso telemóvel ao microfone, gravávamos, passávamos tudo para o computador e depois enviávamos e posso dizer que fizemos grandes reportagens a partir de casa com gravações de muitas pessoas feitas à distância. Digamos que era um método muito simples.

P: Estudos apontam que o contacto com as fontes de informação e a deslocação em reportagem se alteraram neste período. Qual foi a sua experiência?

R: Sim, alterou-se completamente. Eu fiquei literalmente fechada em casa, não fui das pessoas que andou a fazer reportagem fora. Estive em casa e fiz tudo a partir de casa e, portanto, não só durante aquele período de confinamento, mas também durante mais

algum tempo e o que acontece é que nós fazíamos os contactos para as fontes remotamente. Em vez de fazer a partir rádio, fazíamos a partir de casa com os meios que aqui tínhamos para fazer os contactos. Quanto muito havia contactos via *Zoom*, via *Teams*, tudo online. No meu caso, por exemplo, o contacto com as fontes alterou-se completamente, foi todo feito à distância.

P: Além destas, existiu mais alguma mudança significativa?

R: Primeiro posso-lhe dizer que, apesar de já ser jornalista há 37 anos e apesar de ter há vários anos também áreas mais específicas de trabalho e que me levavam a, digamos, flexibilizar bastante os meus horários com o intuito de acompanhar o que se passava nessas áreas e que ia muito para além do meu horário dito normal, posso dizer que tanto eu como os meus colegas, nós nunca trabalhámos tanto como durante a pandemia. Não havia horas para nada. No meu caso concreto, eu começava antes das 9h da manhã e só terminava perto da meia-noite. Foram criados grupos no *Whatsapp*, começávamos a falar em relação ao que era preciso fazer, em relação a propostas que cada um tinha ou que já tinham realizado de véspera ou não, em alguns casos existiam trabalhos que andavam a ser feitos há vários dias e, portanto, como é que tudo se conjugava com a atualidade que estava permanentemente a mudar e tudo isso ia acontecendo. Esse é um aspeto: nós nunca trabalhámos tanto, durante tantas horas e ao mesmo tempo sentindo que, acima de tudo, estávamos a cumprir o nosso dever de informar. Mais do que nunca. Se calhar, em alguns casos, em demasia. Mas procurávamos encontrar pontos diversos de interesse de reportagem e de notícia que pudéssemos levar aos nossos ouvintes e aos nossos leitores do *website* que fosse para além daquela situação dos mortos e dos internados em cada dia porque isso era completamente depressivo. Nós sentíamos isso, mas havia aquelas conferências de imprensa diárias e nós não podíamos deixar de as acompanhar, presencialmente ou à distância.

P: O recurso ao teletrabalho alguma vez dificultou a realização da produção noticiosa?

R: Não. Eu acho que nessa altura, pelo menos no que eu tinha de fazer, toda a gente estava também mais disponível para, a qualquer hora do dia ou da noite, falar connosco. E por isso é que muitas vezes nós começávamos, no meu caso, a trabalhar por volta das 9h ou

ainda antes e às vezes eu estava aqui na minha secretária até para além das 23h/00h. Aliás, cheguei a ter uma “ameaça” do meu marido que dizia que “um dia destes eu escondo-te os cabos do computador”. Não havia horas. Por exemplo, o nosso noticiário, para que eu estava mais escalada, o noticiário grande, de maior destaque, que tinha à volta de uma hora, era das 13h às 14h, portanto coincidia com a hora de almoço. O que acontecia é que o meu marido tinha de fazer o almoço, almoçava e vinha chamar-me e eu estava sistematicamente a dizer-lhe “agora não posso”. E às vezes acontecia não só com o almoço, mas com o jantar. As pessoas estavam mais predispostas para falar connosco, mesmo pessoas completamente desconhecidas e anónimas. Posso dizer-lhe que fiz alguns trabalhos muito interessantes com pessoas que ainda hoje não conheço, outras conheço, fizemo-nos amigos no *Facebook* e alguns até nos conhecemos pessoalmente depois. As pessoas estavam disponíveis para falar. Foi interessante. E depois o facto de, por exemplo, há pessoas que têm dificuldade em falar para câmaras, mas o facto de falarmos ao telefone e sem que nós possamos ver a cara delas, de alguma forma há uma reserva de intimidade e nalgumas conversas as pessoas abriam-se tanto que eu chegava a perguntar-lhes “bom, há aqui uma parte que se calhar é melhor eu não colocar na peça”. Nalgumas situações foram trabalhos incríveis. Até lhe posso dar um exemplo que me deu especial gozo fazer. Nós começámos o confinamento em 2020 e em 2021 eu fiz um trabalho, com destino ao 8 de março, em que pretendia entrevistar oito mulheres que durante o ano de 2020 tinham mudado de vida: algumas ficaram desempregadas, outras ficaram confinadas, etc. Recorri à página de *Facebook* “Mulheres à Obra”, do qual fazem parte mulheres que são empreendedoras ou que têm algum tipo de negócio, para saber se poderia falar com alguma dessas mulheres que tivessem mudado de vida durante esse ano e saber o que é que tinham feito e a verdade é que acabei por ter mais do que oito. Esta foi uma reportagem com quase meia hora que foi feita inteiramente a partir de casa e que me deu imenso gozo porque, nalguns casos, consegui continuar a seguir o rumo daquelas mulheres.

P: Considera que os jornalistas da sua redação olharam para as novas tecnologias, nomeadamente a internet e as redes sociais online, com outros olhos?

R: Sim. Por um lado, tínhamos a grande preocupação de fazer trabalhos para a rádio, mas nós também tínhamos a noção que, em alguns casos, muito desse trabalho podia ser completamente ultrapassado pela realidade e pela atualidade, porque alguns desses

trabalhos nunca tinham a ver com a situação, de alguma forma, mas não queria dizer que tivessem de ser usados naquele dia, portanto, eram intemporais. Nós percebemos, muito rapidamente, e nesse aspeto o *website* cresceu imenso nessa altura, com os trabalhos. Mesmo aquilo que nós púnhamos para a rádio agora, nós tínhamos a preocupação de desenvolver para o *website*. Mesmo essa reportagem, de que eu estava a falar, teve mais impacto no online do que propriamente na rádio. Até porque na rádio passou uma, duas vezes no máximo, e não passou mais, enquanto no *website* poderia ser ouvida mais vezes. E nesse aspeto eu acho que houve um grande desenvolvimento e, sendo que nós acabámos por estar a fazer tudo com meios básicos. As tecnologias foram importantes, sim. Até, por exemplo, a questão de podermos assistir e participar em reuniões pelo *Zoom*, por *Teams* e isso ajudou bastante. E as redes sociais também. Nós temos pessoas dedicadas precisamente a esse trabalho com as redes sociais que faziam a divulgação dos nossos trabalhos, assim como nós, através das redes sociais, também tínhamos acesso a muita informação. Nessa altura, as *fake news* proliferaram muito e era preciso ter uma atenção redobrada, mas é evidente que as redes sociais foram também importantes na obtenção de alguma informação ou até para chegar a algumas fontes.

P: Considera que as qualidades do jornalismo de rádio, como é o caso da rapidez e da credibilidade, se mantiveram durante a pandemia? Ou tornou-se mais difícil mantê-las?

R: A Renascença sempre se pautou por alguma prudência em relação às notícias. Há notícias que nós não púnhamos cá fora sem confirmarmos. Às vezes citava-se o órgão de comunicação que tinha dito aquilo, porque era importante, mas ressaltava-se que estávamos a confirmar e outras vezes não falávamos sequer disso enquanto não confirmávamos. Na Renascença, a confirmação dos factos é uma questão de princípio, independentemente de nós querermos dar primeiro. Toda a gente quer dar primeiro, mas mais do que dar primeiro, é importante que se dê informação correta e rigorosa. Principalmente numa situação como esta. Nós sabemos que isso não aconteceu em todos os órgãos de comunicação social, mas a confirmação dos factos é um princípio que a Renascença sempre teve e que não deixou de pôr em prática durante a pandemia.

P: Que alterações ao processo de produção noticiosa ficaram como herança da pandemia?

R: Durante algum tempo, alguns de nós continuámos a trabalhar em casa. O teletrabalho ainda se prolongou durante algum tempo e também se adquiriu o hábito de, em certas circunstâncias, nomeadamente para alguns trabalhos maiores e em que era preciso um bocadinho mais de concentração, de as pessoas poderem desenvolver esse trabalho, desde que tivessem condições, em casa. Mas, assim que foi possível, praticamente toda a gente voltou ao regime presencial. Em relação às fontes e à recolha de notícias, o que acontece é que se adquiriu o hábito de, nalguns casos, em vez de ir em serviços, se apanhar pela televisão. Por exemplo, em missões parlamentares, em vez de se ir perder tempo para a Comissão Parlamentar, ficava-se na redação e acompanhávamos no canal do Parlamento e assim que tínhamos alguma coisa que era extremamente importante, nós podíamos parar a gravação e começar logo a montar ou pelo menos tínhamos um ficheiro aberto à parte e podíamos continuar a gravar. E se estivéssemos presencialmente no Parlamento não conseguíamos fazer isso. Era muito mais difícil. Começou a usar-se mais recorrentemente o contacto com as fontes à distância, mesmo já estando a trabalhar em redação. Desta forma, acelerou-se o uso das tecnologias no contacto com as fontes e isso permitiu tornar alguns contactos mais próximos com pessoas que estavam mais distantes, noutros países até.

P: Que papel antecipa para a tecnologia no jornalismo?

R: Aquilo que eu me percebo é que a tecnologia tem cada vez mais um papel importante no jornalismo e me sinto um bocadinho apreensiva com a questão da inteligência artificial. Confesso que não estou ainda muito informada sobre como é que tudo isso pode funcionar, mas, daquilo que sei e que já ouvi, deixa-me um bocadinho apreensiva porque aquilo que me parece é que se pode perder alguma essência do jornalismo e nós já vemos algumas práticas que não são saudáveis, nomeadamente em órgãos de comunicação televisivos, e algumas práticas que não têm nada a ver com a informação de rigor, mas sim com captação de audiências. E digamos que parece que, quanto mais sangue houver, mais vende. E enquanto houver sangue e se vender, essas são as práticas que estão a aumentar. Muitas das novas gerações são apanhadas por isto e isso faz com que os jornalistas mais novos acabam por estar menos preparados para resistir a esse tipo de

práticas e para as contestar. Porque também não podem, não é? As situações de precariedade do trabalho, as condições que lhes estão impostas não lhes permitem contestar muito esse tipo de práticas que eu tenho a certeza de que foram abordadas durante as licenciaturas e mestrados da área da comunicação. Portanto eu tenho algum receio. Esta busca de audiência, este uso das tecnologias, às vezes de uma forma desenfreada das redes sociais, eu tenho medo que desvirtue totalmente o papel do jornalismo e que ele tenha condições para ser uma atividade séria, que dê informação às pessoas, que forme. Porque os jornalistas e o jornalismo têm não só o dever de informar, mas também de formar os públicos e, portanto, se nós não conseguimos formar públicos para eles serem exigentes em relação à informação que consomem, então há alguma coisa que está mal.

P: Mas concorda que o futuro do jornalismo passará também pela tecnologia?

R: Já passa e ainda passará mais, mas não se pode perder essa essência. O jornalismo tem de se reformular, mas sem perder a noção do que é o seu dever, do que é a sua missão. É preciso evoluir positivamente. Algumas empresas de comunicação querem vender sensacionalismo e isso não é informação séria e formadora e não contribui para aumentar o espírito crítico de quem nos lê, quem nos ouve, quem nos vê e isso é preciso ter em atenção. O “Doutor *Google*” engana-se muitas vezes, não sabe tudo e não sabe interpretar. As tecnologias podem ajudar bastante, mas as pessoas continuam a ser essenciais.

P: Este avanço constante da tecnologia exigirá aos jornalistas uma maior literacia e um maior nível de conhecimentos técnicos?

R: Sim, com certeza. Mas a questão é que jornalistas mais novos já nasceram com computador ou com telemóvel ou com outra tecnologia mais avançada ao seu alcance, enquanto os mais velhos sentem essas dificuldades. Há uma coisa que para mim era muito importante que acontecesse nas empresas e nem sempre acontece: formação ao longo da vida. Não apenas para atender à estrita necessidade do órgão de comunicação, mas que pudesse ser um pouco mais abrangente, mesmo tendo a ver com as novas tecnologias, mas que não fosse só para responder àquela necessidade específica, que pudesse ter um enquadramento um bocadinho mais alargado. Sendo que há aqui uma questão que é a “intergeracionalidade”, ou seja, as vantagens de co-existirem numa redação jornalistas e

profissionais de comunicação de diversas idades. O problema aqui é que os jornalistas mais velhos podem não ser tão competentes em relação às novas tecnologias, mas têm bastante experiência e essa experiência também é essencial para o trabalho dos mais novos. O ideal é que numa redação existam profissionais de várias gerações, desde os mais novos que acabaram a faculdade até pessoas que estão quase a reformar-se, mas que têm anos de experiência e que sabem ou que têm condições para interpretar algumas situações que nós vemos no dia-a-dia e que os mais novos, apesar das competências digitais que têm, não têm ainda a experiência de vida que lhes permita interpretar. O convívio e o trabalho realizado em conjunto por pessoas de várias idades são de muito maior qualidade e todos aprendem uns com os outros.

ANEXO 5: Inquérito por questionário: “A influência da pandemia nas práticas e rotinas de um jornalista de rádio”

O presente inquérito surge no âmbito da realização da minha Dissertação de Mestrado em Jornalismo da Escola Superior de Comunicação Social - Instituto Politécnico de Lisboa. Este trabalho final tem como tema a influência da pandemia nas práticas e rotinas de um jornalista de rádio e pretende investigar quais foram as alterações que a pandemia provocou nas rotinas de produção noticiosa. As respostas são anónimas e serão unicamente utilizadas para a recolha e análise de dados que se revelem úteis para a dissertação. Obrigada pela participação!

Género *

- Feminino
- Masculino
- Outro

Idade *

- 18-24 anos
- 25-34 anos
- 35-44 anos
- 45-54 anos
- 55-64 anos
- +65

Habilitações Literárias *

- 1º ciclo ou equivalente
- 2º ciclo ou equivalente
- 3º ciclo ou equivalente
- Ensino secundário
- Bachelato
- Licenciatura
- Pós-graduação
- Mestrado
- Doutoramento
- Outro

Há quantos anos é jornalista? *

- 0-4 anos
- 5-9 anos
- 10-14 anos
- 15-19 anos
- 20-24 anos
- 25-29 anos
- +30 anos

Pertence a qual redação? *

- Rádio Renascença
- Antena 1
- TSF
- Prefiro não responder

De 0 a 5 quão intensas foram as dificuldades sentidas no exercício da profissão durante a pandemia? *

Muito pouco intensas 1 2 3 4 5 Muito intensas

Alguma vez sentiu que a pandemia impediu ou dificultou, de algum modo, a realização da produção noticiosa? *

- Sim
- Não

Se respondeu afirmativamente à questão anterior, enumere os principais constrangimentos que sofreu.

A sua resposta

Durante a crise pandémica reforçou o recurso às novas tecnologias, particularmente às redes sociais online, para o exercício da profissão? *

- Sim
- Não

Se respondeu afirmativamente à questão anterior, selecione as redes sociais online que mais utilizou.

- Facebook
- Messenger
- Instagram
- Twitter
- Whatsapp
- LinkedIn
- Skype
- Zoom
- Outras

A Internet e as redes sociais online permitiram que todo o processo de produção ^{*} noticiosa continuasse a decorrer, apesar das adaptações que estas plataformas digitais implicaram. De 0 a 5 quanto concorda com esta afirmação?

1 2 3 4 5

Discordo completamente Concordo completamente

Indique quais foram as finalidades laborais do recurso a estas ferramentas no decorrer da pandemia.

A sua resposta

Continua a recorrer às novas tecnologias, principalmente às redes sociais online, *
para a realização do trabalho jornalístico?

- Sim
- Não

Considera que a pandemia alterou o processo de produção noticiosa? *

- Sim
- Não

Se respondeu afirmativamente à questão anterior, explique porquê.

A sua resposta

As plataformas digitais serão imprescindíveis para o futuro do jornalismo. De 0 a *
5 quanto concorda com esta afirmação?

- 1 2 3 4 5
- Discordo completamente Concordo completamente

Justifique a escolha da resposta anterior.

A sua resposta

O jornalismo passou a exigir mais conhecimentos tecnológicos aos jornalistas? *

Sim

Não

Em caso de ter respondido afirmativamente, que competências teve de aprimorar para a realização do seu trabalho durante este período?

A sua resposta

Se tiver mais algum comentário ou informação relevante sobre a influência da pandemia nas práticas e rotinas de um jornalista de rádio, coloque-o aqui por favor.

A sua resposta
